
O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico¹

JOÃO LUÍS CARDOSO²
INÊS MENDES DA SILVA³

R E S U M O Neste estudo apresenta-se a análise tipológica do espólio cerâmico recolhido nas escavações realizadas no povoado do Bronze Final I da Tapada da Ajuda, Lisboa.

A B S T R A C T In this study we present the typological analysis of the ceramic remains collected on the excavations from the site of Tapada da Ajuda (Late Bronze Age I).

1. Introdução

O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda foi localizado em 1982, pouco tempo depois da realização de extensas terraplenagens destinadas à construção de um complexo desportivo da Associação de Estudantes do Instituto Superior de Agronomia, incluindo um campo de *rugby* e diversos campos de ténis.

Apesar da intensa perturbação evidenciada em toda a zona envolvente, em consequência de tais trabalhos, subsistia ainda, a Norte e a Sul da área atingida pelas escavações e aterros, duas zonas não destruídas, cujo interesse arqueológico era evidenciado pela existência de um nível com abundantes restos de ostras, exposto pelos taludes de escavação realizados no âmbito da construção do referido campo de *rugby*.

Com o objectivo de explorar a parte ainda intacta da estação arqueológica, realizaram-se quatro campanhas de escavações, dirigidas pelo primeiro signatário, nos anos de 1983, 1984, 1986 e 1987, as quais contaram com a participação de um numeroso grupo de jovens estudantes, a maioria integrados em Programas de Ocupação dos Tempos Livres (OTL).

Foram colaboradores mais próximos do signatário, numa primeira fase, os descobridores da estação, Júlio Roque Carreira, F. Freitas e Fernando Peixoto Lopes, com quem se publicou a notícia da sua descoberta (Cardoso et al., 1980/1981) e, depois, de J. R. Monjardino, A. S. Rodrigues e J. A. da Silva Paulo, a quem cumpre agradecer a ajuda desinteressada e eficaz que dispensaram às escavações, as quais não beneficiaram de qualquer apoio financeiro, oficial ou particular.

As escavações de 1983 e de 1984 centraram-se na zona norte da vasta área ocupada pela estação, a qual se revelava mais promissora que a situada do lado sul; com efeito, os cortes executados no terreno para a construção do campo de *rugby*, estiveram na origem da própria descoberta da estação, visto terem posto a descoberto numerosos materiais cerâmicos, recolhidos no talude (Fig. 1), e uma camada conchífera, sobretudo representada por conchas de ostra, a que já se fez referência, correspondente a despejos de cozinha, que contrastavam com a coloração escura dos terrenos basálticos subjacentes, que representam ao substrato geológico local (Fig. 2).

Os principais resultados obtidos naquelas duas campanhas já foram publicados (Cardoso et al., 1986), bem como os resumos dos respectivos relatórios de escavações (Cardoso, 1985, 1986).

A campanha de 1986 realizou-se com o objectivo de, por um lado, prosseguir a escavação em extensão de uma zona habitacional



Fig. 1 Tapada da Ajuda. Vista da área escavada em 1983, no topo do talude de escavação realizado no âmbito da construção do campo desportivo. Foto J. L. Cardoso.



Fig. 2 Tapada da Ajuda. Vista parcial da área escavada em 1984, evidenciando-se a camada arqueológica, muito pedregosa, com matriz esbranquiçada, correspondente a restos de conchas, especialmente de *Ostrea* sp., assente no substrato geológico, de natureza basáltica. Foto J. L. Cardoso.

parcialmente escavada em 1984 e, por outro, averiguar a real importância da zona meridional da estação, a qual até então tinha sido apenas objecto de prospecções de superfície, de que resultou, sobretudo, a recolha de copioso conjunto de elementos de foice sobre lascas de sílex, de bordos denticulados.

O primeiro dos referidos objectivos conduziu à delimitação da zona habitacional aludida, denunciada sobretudo pela distribuição diferencial dos vestígios, que muito contribuíram para a caracterização da organização do espaço habitado, o que se conseguiu, pela primeira vez, no âmbito da região e da época em causa.

O segundo daqueles objectivos foi igualmente atingido, tendo-se verificado o escasso interesse arqueológico da área meridional da estação. No decurso da realização dos trabalhos, em Julho de 1986, compareceram no local arqueólogos e responsáveis autárquicos (como o Prof. Doutor O. da Veiga Ferreira e a Dr.^a Salette Simões Salvado, então responsável pela Direcção dos Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa), previamente recebidos pelo Conselho Directivo do Instituto Superior de Agronomia, acompanhados dos representantes de órgãos de comunicação social, de que resultou reportagem publicada no vespertino “Diário Popular”, em 25 de Julho de 1986.

Após a conclusão dos trabalhos de campo, deslocaram-se ao local, em Novembro de 1986, o então Presidente do Conselho Directivo do Instituto Superior de Agronomia (ISA), entidade que administra a Tapada da Ajuda e o então Director do Departamento de Arqueologia do IPPC. Verificou-se que, não sendo possível assegurar a compatibilização da construção do complexo desportivo com a manutenção da área escavada, para além do reinício das obras, entretanto suspensas por razões estranhas às escavações, se impunha a realização de uma última campanha de escavações, em 1987, assegurando o ISA, como anteriormente, os indispensáveis meios logísticos, designadamente a integração de jovens interessados, no âmbito do Programa OTL, o que foi conseguido. Assim se concebeu e efectuou a quarta e última campanha de escavações no local, em Agosto de 1987.

No final dos trabalhos, a parte que ainda subsistia intacta da estação encontrava-se totalmente explorada, designadamente a área considerada prioritária para a execução do complexo desportivo cujas obras tinham recommençado. O principal contributo das escavações de 1987 saldou-se na identificação e escavação da parte conservada de uma grande cabana de planta elipsoidal, cujo embasamento era constituído por muro de alvenaria de grandes blocos basálticos toscamente arrumados, com preenchimento interno de pedras miúdas (Figs. 3 e 4). Estava em curso o registo gráfico desta e de outras estruturas postas a descoberto quando sobreveio, sem aviso prévio, a destruição total da área escavada, feita a retro-escavadora, pelo empreiteiro das obras. Infelizmente, não se apuraram responsabilidades, apesar de o primeiro dos signatários, na qualidade de responsável pelos trabalhos arqueológicos ter alertado o IPPC para o atentado cometido. Assim se encerrava a exploração de uma das mais importantes estações pré-históricas de Lisboa, a única no seu género existente em toda uma vasta região. A valorização da informação recolhida em quatro árduas campanhas de escavações, realizadas, repita-se, sem quaisquer apoios financeiros, mas apenas com o empenho, entusiasmo e dedicação de todos os que nelas participaram ficou, também, irremediavelmente prejudicada, já que não foi possível registar graficamente a área explorada e, designadamente, a estrutura habitacional descoberta no último ano de trabalhos.

Entretanto, a importância da estação arqueológica justificou diversas iniciativas que a tornaram conhecida de um público alargado: foi o caso, logo em Novembro de 1983, da participação na exposição organizada no Instituto Superior de Agronomia para comemorar os 100 anos da Instituição; mais tarde, foram cedidos materiais da estação para três importantes exposições organizadas no Museu Nacional de Arqueologia — respectivamente intituladas “Lisboa Subter-



Fig. 3 Tapada da Ajuda. Vista parcial da área escavada em 1987, observando-se, ao centro, troço de muro arqueado, de pedra seca, correspondente ao embasamento de uma cabana de planta elipsoidal. Foto J. L. Cardoso.



Fig. 4 Tapada da Ajuda. Vista parcial da área escavada em 1987; do lado direito, divisa-se alinhamento de blocos, correspondentes ao embasamento da cabana da planta elipsoidal já referida (ver Fig. 3). Foto J. L. Cardoso.

rânea” (1994); “A Idade do Bronze em Portugal – discursos de poder” (1995); e “De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.” (1996). Em todos os respectivos catálogos, colaborou o primeiro signatário, através de textos monográficos sobre a estação na qual a sua importância foi devidamente valorizada (Cardoso, 1994a, 1995a, 1996). Também em sínteses de índole regional, foi de novo a Tapada da Ajuda justamente mencionada, dada a sua relevância (Cardoso, 1987, 1994b, 1995b, 1996, 1999-2000; Cardoso e Carreira, 1993). Deste modo, sendo já a importância arqueológica do povoado suficientemente conhecida, faltava, até ao presente, a publicação exaustiva dos materiais nela recolhidos. É com esse objectivo que se preparou o presente contributo, dedicado à análise do espólio cerâmico, sem dúvida a componente mais relevante do conjunto exumado. Espera-se que, logo que possível, se publique os contributos relativos à análise do espólio lítico, do espólio metálico e das faunas recolhidas.

2. O povoado da Tapada da Ajuda no quadro dos primórdios do Bronze Final da região de Lisboa

Como se referiu, não cabe neste estudo, dedicado à análise e caracterização de um dos mais importantes conjuntos cerâmicos do Bronze Final até ao presente recolhido no território português, desenvolver considerações sobre outros elementos do espólio, designadamente a componente lítica, óssea e metálica, bem como as faunas recolhidas e os elementos paleoecológicos (pólenes e esporos), entretanto obtidos, que conduziram a relevantes conclusões sobre a dieta e economia alimentar das respectivas populações e a sua integração no ambiente natural da época. Já o mesmo não sucede com a estratigrafia e os elementos de cronologia absoluta obtidos, indispensáveis para a adequada integração do espólio cerâmico ora estudado.

A campanha de 1987 confirmou a existência de uma única ocupação arqueológica no sector norte da estação, onde avulta a grande cabana de planta elipsoidal já referida. A ela se pode associar grande parte do espólio cerâmico agora apresentado. De facto, um dos objectivos científicos da referida campanha de escavações consistia na recolha de elementos susceptíveis de conduzirem à compreensão da estratégia de organização do espaço habitado em torno de uma grande unidade doméstica cuja existência tinha sido detectada nas campanhas anteriores. Tinha-se, então, escavado uma zona de acumulação de detritos domésticos – era a zona de maior concentração de conchas de ostra – e isolado pequena estrutura de combustão, na periferia da qual se observava intenso pisoteamento do chão, denunciado pelo esmagamento de cerâmicas e de restos ósseos *in situ*.

Na sequência destas observações, importava proceder ao alargamento da área escavada. Como resultado, foram postos a descoberto os restos de um muro de pedra seca, de desenvolvimento elipsoidal fechado, com cerca de 10 m de eixo maior, cujas características construtivas se indicaram anteriormente. Desconhece-se como é que seria a parte mais alta: o mais provável é que esta fosse de madeira, ou de entrançados vegetais, e que o tecto, leve, fosse de colmo. A orientação da estrutura, aproximadamente Norte-Sul, sugere que a respectiva entrada, se situava na extremidade Sul, ao abrigo da nortada e virada ao Tejo. Assim se explica a grande acumulação de restos de cozinha ali observadas em 1984 e 1986, para onde seriam despejados pelos que nela viviam.

Torna-se desnecessário encarecer o interesse científico desta descoberta, já que se trata da primeira informação acerca da tipologia construtiva e da organização do espaço de uma unidade habitacional do Bronze Final na região estremenha e uma das poucas até ao presente documentadas em Portugal.

Não é agora a altura para se discutir a integração cultural desta cabana no contexto das cabanas peninsulares da mesma época: apenas se dirá que cabanas de planta elipsoidal ou de tendência circular se conhecem, tanto em ambientes culturais mesetenhos como atlânticos ou mediterrâneos do Bronze Final, constituindo, deste modo, um carácter supra-regional e portanto desprovido de significado cultural específico. Aliás, já no final do Calcolítico e nesta mesma região, se reconheceram estruturas habitacionais idênticas, no povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras (Cardoso, 1997-1998), pelo que existem antecedentes locais para tal tipo arquitectónico, não sendo assim necessário recorrer a influências exógenas para explicar a sua existência no Bronze Final.

A análise estratigráfica permitiu relacionar, por outro lado, a implantação desta cabana com a única camada arqueológica identificada na estação, correspondendo a uma única ocupação humana. A respectiva cronologia absoluta é conhecida: o resultado ponderado de cinco datações pelo radiocarbono mostra que a ocupação do sítio se processou com maior probabilidade no

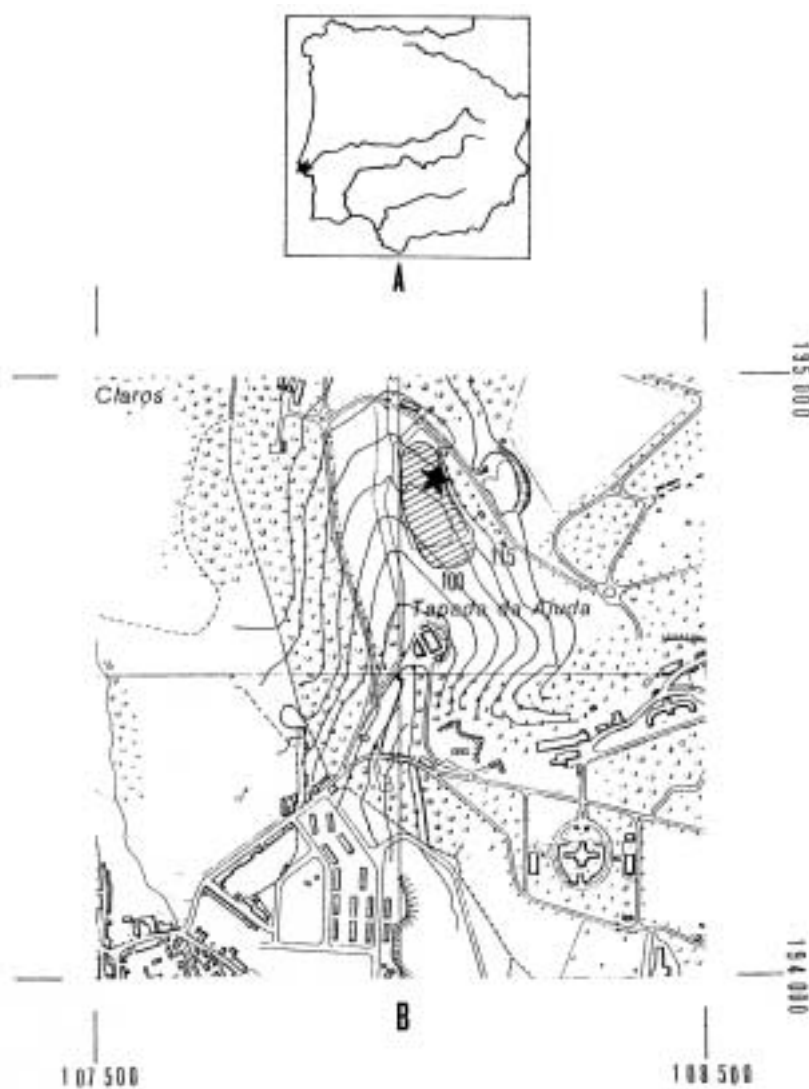


Fig. 5 Tapada da Ajuda. Planta de localização na Península Ibérica (A) e na Carta topográfica à escala de 1/10 000 (B), com a implantação do local escavado (estrela) e a área aproximada ocupada primitivamente pela estação (tracejado).

século XIII a.C., ou seja, em fase precoce do Bronze Final regional, ou Bronze Final I (Cardoso, 1994a, 1994b, 1995, 1996, 1999-2000; Cardoso e Carreira, 1993). Esta conclusão é de elevado interesse, porquanto foi a estação da Tapada da Ajuda a proporcionar, pela primeira vez, um argumento positivo para a subdivisão do Bronze Final da Estremadura em duas fases: a mais antiga, situável nos séculos XIV/XIII a XI a.C., apenas datada na Tapada da Ajuda; a mais moderna, situável entre os séculos X e IX a.C., ou inícios do seguinte, caracterizada, ao nível da cerâmica, pela existência das características decorações de ornatos brunidos, do tipo “Alpiarça” ou “Lapa do Fumo”, as quais se encontram totalmente ausentes na Tapada da Ajuda, não obstante as centenas de fragmentos cerâmicos compulsados.

Como se verificou das prospecções de superfície e das escavações realizadas tanto a Norte como a Sul do actual campo de *rugby*, os testemunhos arqueológicos indicam a existência de um povoado aberto, implantado entre cerca de 100 e 115 m de altitude, em encosta suave, de boa exposição meridional, com excelentes solos agrícolas e riqueza de água (Fig. 5). Com efeito, ali mesmo corre curso de água que desaguava no estuário do Tejo, então ainda mais próximo da estação. Estas condições, também verificadas em numerosos outros sítios da região, embora este seja, talvez, o mais extenso de todos os conhecidos — que dificilmente ultrapassariam, na maioria dos casos, as dimensões de casais agrícolas, de raiz familiar, na expressão de G. Marques e G. M. Andrade (Marques e Andrade, 1974) — convidavam à fixação de população sedentária e pacífica, ocupada no cultivo da terra e na pastorícia, durante todo o ano. Neste aspecto, detinha particular importância a cerealicultura, por certo do trigo, como demonstram as centenas de elementos de foice recolhidos, já anteriormente mencionados. As produções obtidas, a crer na abundância daqueles elementos e nas condições naturais altamente propícias, ultrapassariam largamente as necessidades locais da comunidade ali instalada. A Tapada da Ajuda inscrever-se-ia, pois, numa vasta rede económica regional, integrando território provavelmente dependente de um centro de maiores dimensões que o administraria. Ali se sediaria a elite dirigente, a qual coordenaria também as actividades comerciais então francamente florescentes tanto com o norte atlântico como com o sul mediterrâneo, as quais viriam a afirmar-se plenamente poucos séculos volvidos, na segunda fase do Bronze Final. A este propósito, é aliciante admitir, a título de mera hipótese, que o referido centro, forçosamente implantado em sítio alto e defensável, e estreitamente relacionado com o estuário do Tejo, por onde se efectuava todo o comércio trans-regional, corresponda à actual colina do castelo de S. Jorge, cujos vestígios mais antigos remontam, apesar da escassez de informação publicada, a esta época.

Caso a destruição da estação arqueológica da Tapada da Ajuda não tivesse sido consumada, em 1987, teríamos, talvez, na actualidade e em plena área urbana da cidade de Lisboa, um dos mais expressivos sítios habitacionais do Bronze Final até ao presente identificados em Portugal, cuja vasta área original, de cerca de 200 por 100 m, proporcionaria seguramente muitas outras informações, irremediavelmente perdidas.

3. Estudo do espólio cerâmico

Os milhares de fragmentos cerâmicos recolhidos nas quatro campanhas de escavação realizadas na zona a Norte do campo de *rugby*, justificavam estudo tipológico adequado, que agora se concretiza constituindo, assim, uma base de dados para o Bronze Final regional que se vem juntar a outras, já elaboradas, tanto para a Beira Alta (Senna-Martinez, 1993), como para a Beira Baixa (Vilaça, 1995). De um modo geral, predominam as pastas semi-compactas e grosseiras, denun-

ciando grande variabilidade de ambientes de cozedura, desde os francamente redutores, mais abundantes que os oxidantes, correspondendo aqueles a colorações cinzento-anegradadas e estes a tonalidades castanho-avermelhadas ou alaranjadas. Os acabamentos superficiais são, no geral cuidados, com brunimento na maioria dos casos, não chegando no entanto ao ponto de conferir brilho generalizado à respectiva superfície.

Os recipientes de menores dimensões são constituídos por pastas mais finas, denunciando, como os maiores, fabricos locais ou regionais, evidenciados pela existência de cristais de piroxena, entre os elementos não plásticos constituintes, prova da origem basáltica das argilas ou, ao menos, dos respectivos desengordurantes.

As formas presentes vão desde os grandes contentores de base plana (vasos de provisões), necessários ao armazenamento dos cereais, munidos das características pegas alongadas no bojo, até às pequenas taças de beber, frequentemente carenadas.

Enfim, as decorações apresentam-se muito simples, limitadas, quase exclusivamente, a incisões ou impressões na zona do bordo ou sobre o lábio, em recipientes de colo cilíndrico. Veja-se, pois, em pormenor, as principais características que foram isoladas e devidamente abordadas no conjunto exumado.

3.1 As formas cerâmicas

De um conjunto de cerca de 2000 fragmentos, cerca de 200 foram seleccionados para desenho e, destes, 41 foram depois rejeitados, por corresponderem a formas indeterminadas, devido à pequenez dos respectivos fragmentos.

Através da observação geral do conjunto das formas cerâmicas da Tapada da Ajuda seleccionadas para análise (Fig. 6) pode observar-se a clara predominância dos recipientes fechados sobre as formas abertas. O grupo dos potes, com 89 exemplares (cerca de 57% do total das formas consideradas para análise), constitui a maior e também a mais diversificada parte da nossa amostra.

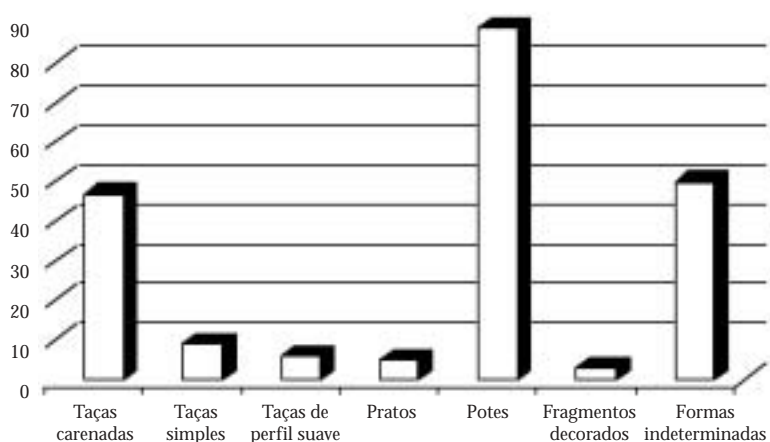


Fig. 6 Gráfico geral relativo à frequência das formas cerâmicas da Tapada da Ajuda.

O conjunto das formas abertas, constituído por taças (carenadas, simples e de perfil suave) e por pratos, é composto por 67 exemplares no total, destacando-se a clara predominância das taças carenadas.

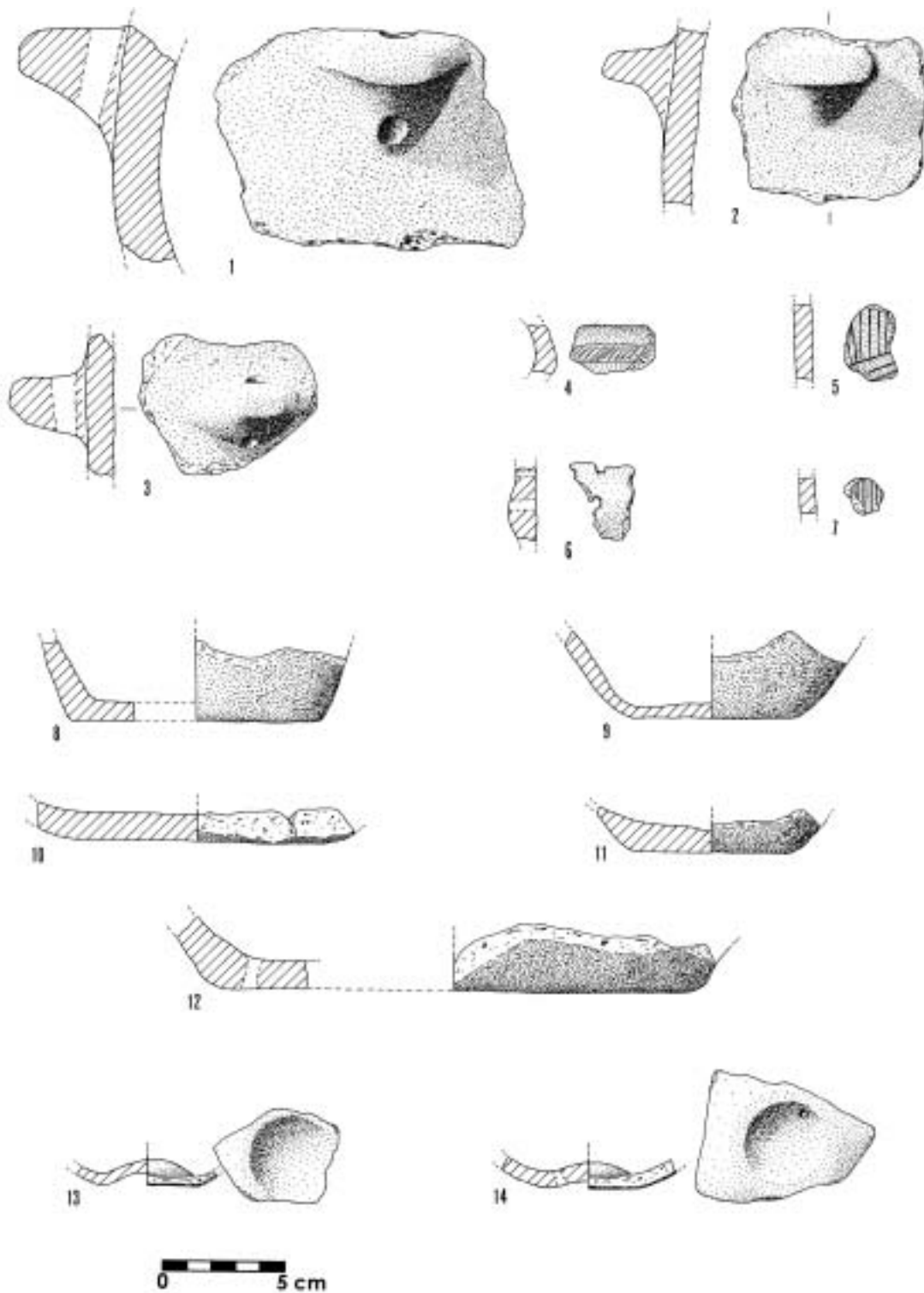


Fig. 7 Tapada da Ajuda. Materiais cerâmicos diversos, lisos e decorados.

Associados aos fragmentos de bordo e bojo sobre os quais foi efectuada esta análise, encontram-se uma série de fundos, 97 exemplares, dos quais 90 são planos (Fig. 7, n.ºs 8 a 12); os restantes 7 apresentam uma forma côncava, que se torna mais frequente no Bronze Final terminal (séculos IX/VIII a.C.) (Fig. 7, n.ºs 2 e 3); no entanto, os dados são insuficientes para os relacionar, de forma segura, com as formas existentes. Os fundos côncavos caracterizam-se pelas suas paredes finas e por pastas mais depuradas, enquanto que os fundos planos se encontram associados tanto a pastas grosseiras como a pastas de fabrico mais fino.

Esta primeira análise aponta para um conjunto cerâmico com predominância das formas fechadas (geralmente associadas a funções de armazenagem e de transporte de alimentos) sobre as formas abertas (relacionadas com a preparação e consumo de alimentos).

Taças carenadas

Estes recipientes cerâmicos constituem o segundo maior grupo da nossa amostra (50 exemplares) e são, na grande maioria, de pequenas e médias dimensões (entre os 10 e os 25 cm de diâmetro).

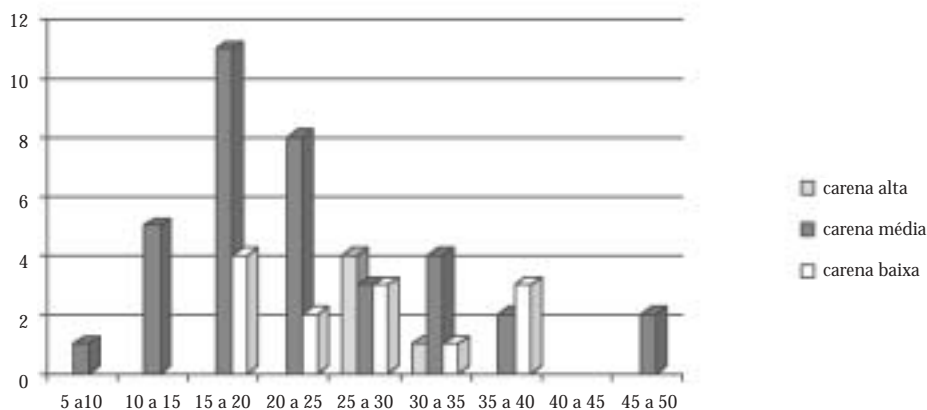


Fig. 8 Gráfico relativo às dimensões das taças carenadas (em cm).

Este conjunto é dominado pelas taças de carena média que apresentam uma percentagem de 68% — Figs. 9 a 15 — às quais se seguem as de carena baixa — Figs. 14 a 16 — e alta — Figs. 9 e 17 — com 22% e 10%, respectivamente (Fig. 18).

As carenas, salvo raras excepções em que apresentam um perfil em “S” — Fig. 13, n.º 4 — caracterizam-se por serem arredondadas e por se situarem, na sua grande maioria, a meio do bojo.

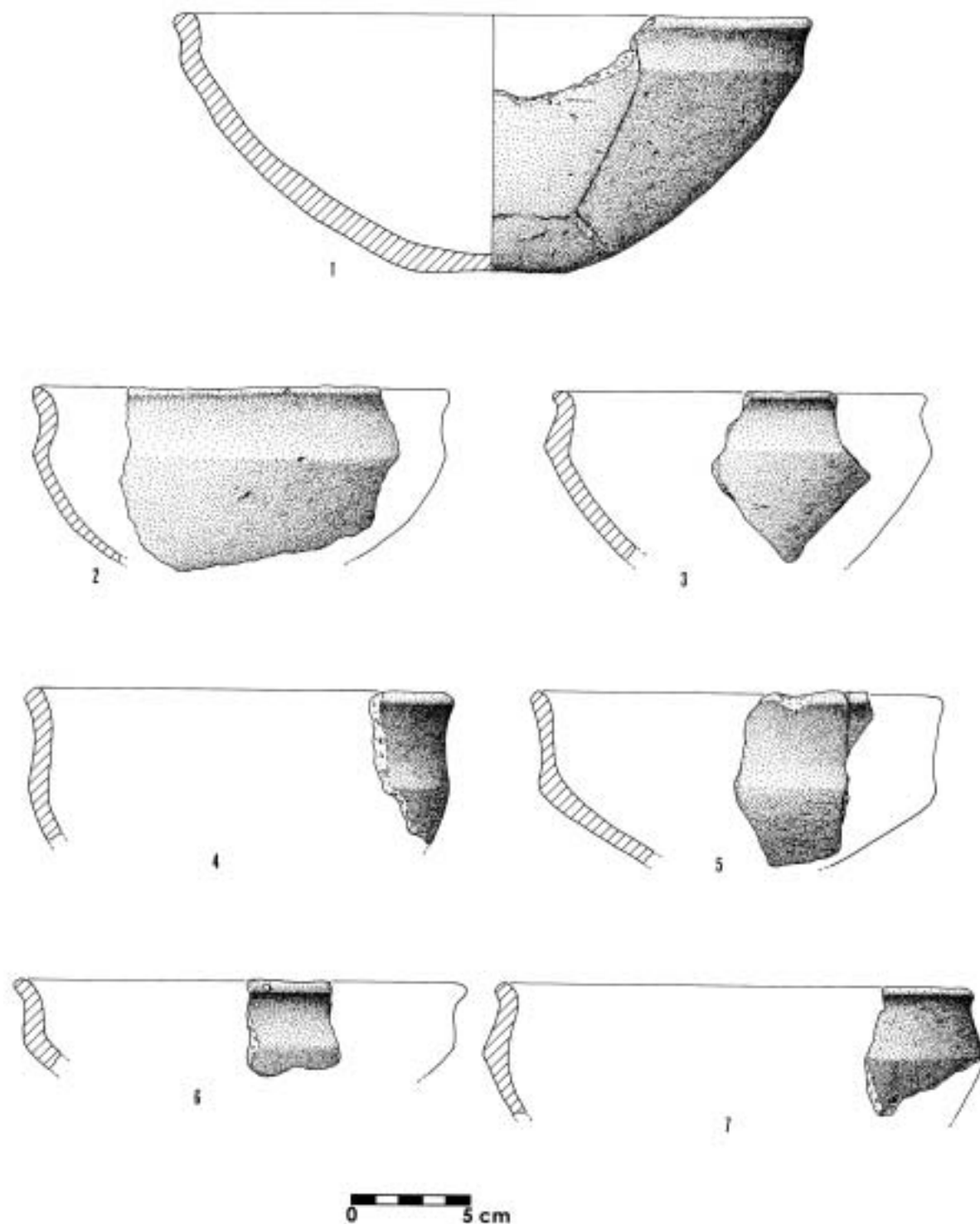


Fig. 9 Tapada da Ajuda. Taças de carena média e alta.

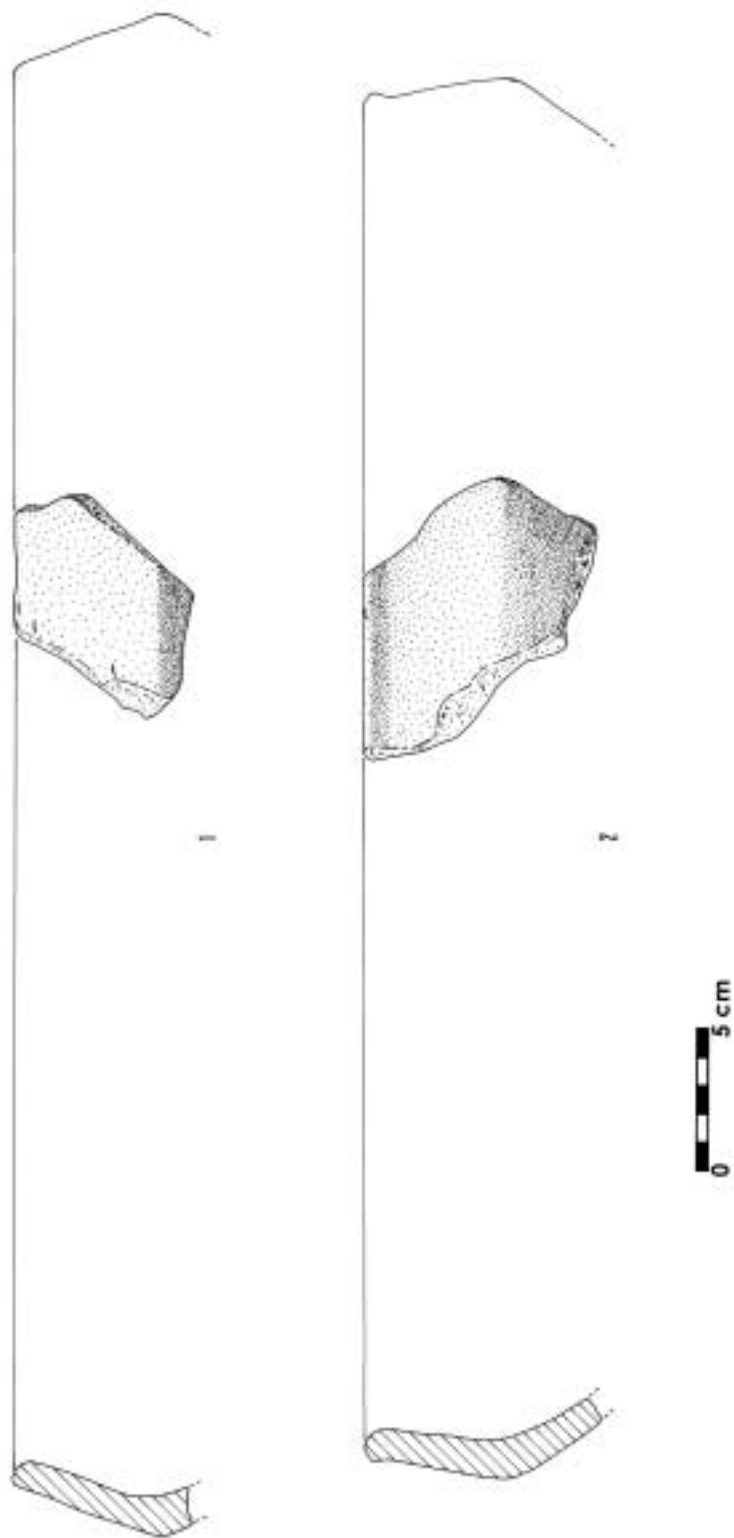


Fig. 10 Tapada da Ajuda. Taças de carena média.

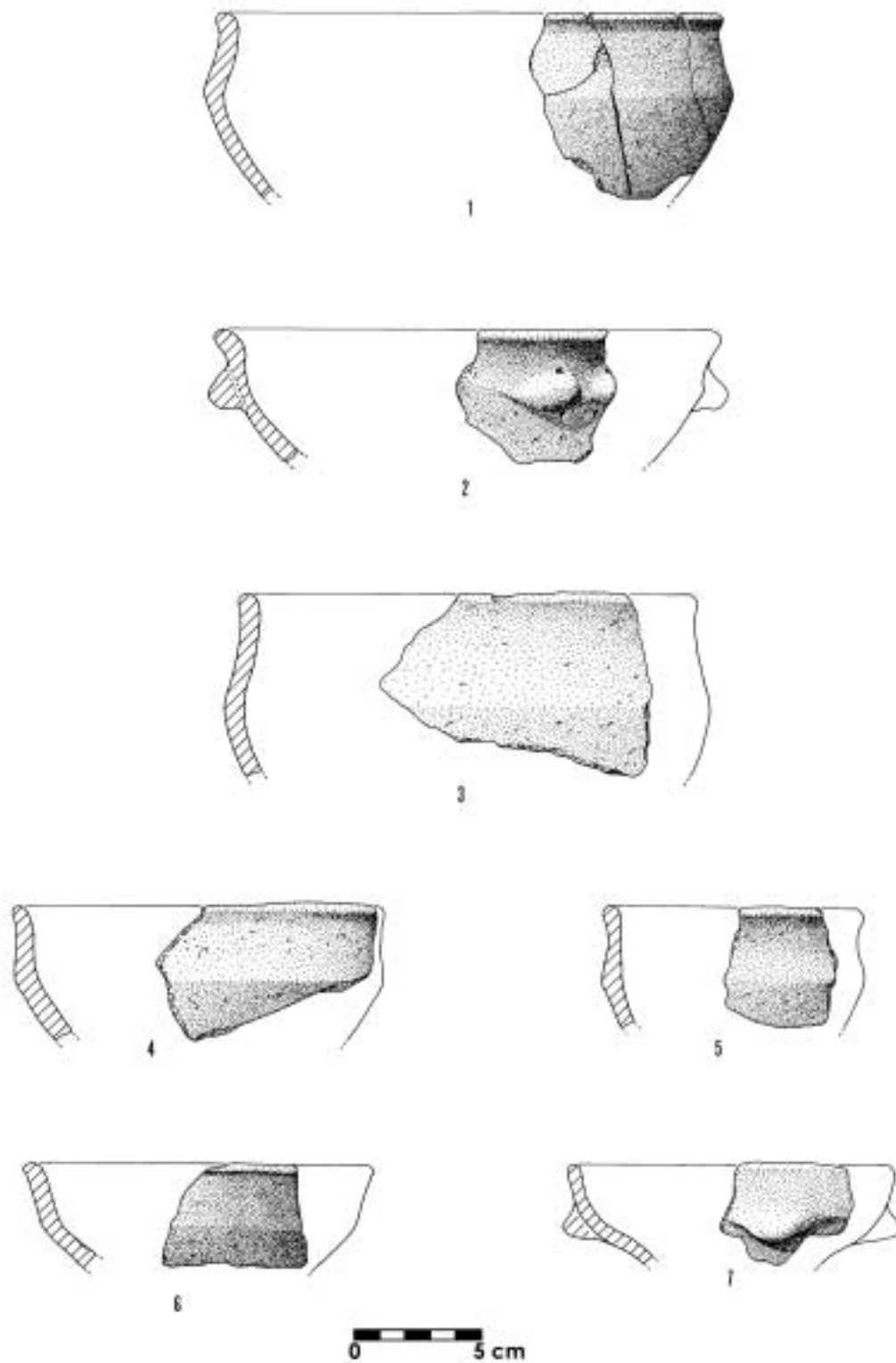


Fig. 11 Tapada da Ajuda. Taças de carena média e taça de carena adossada.

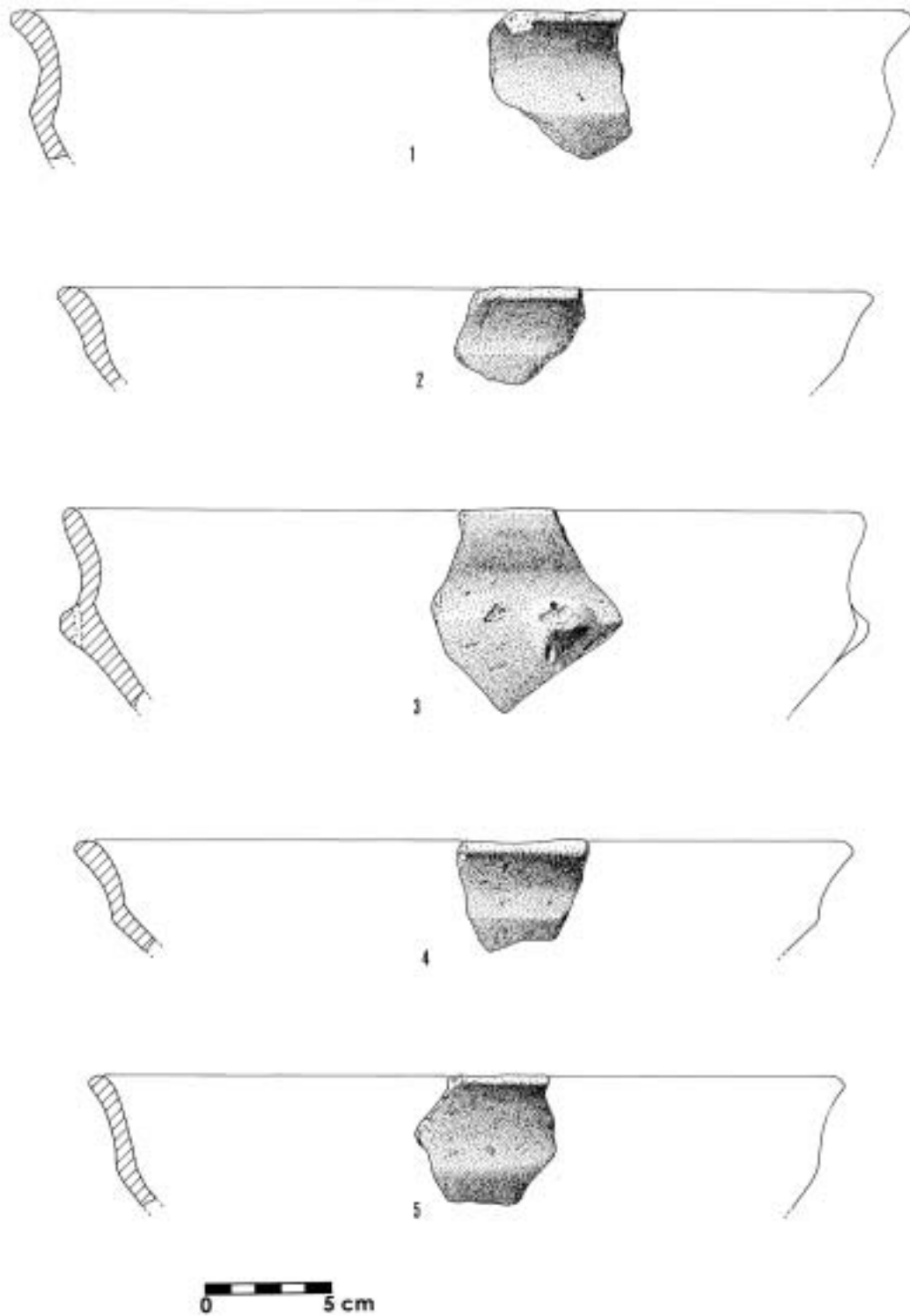


Fig. 12 Tapada da Ajuda. Taças de carena média.

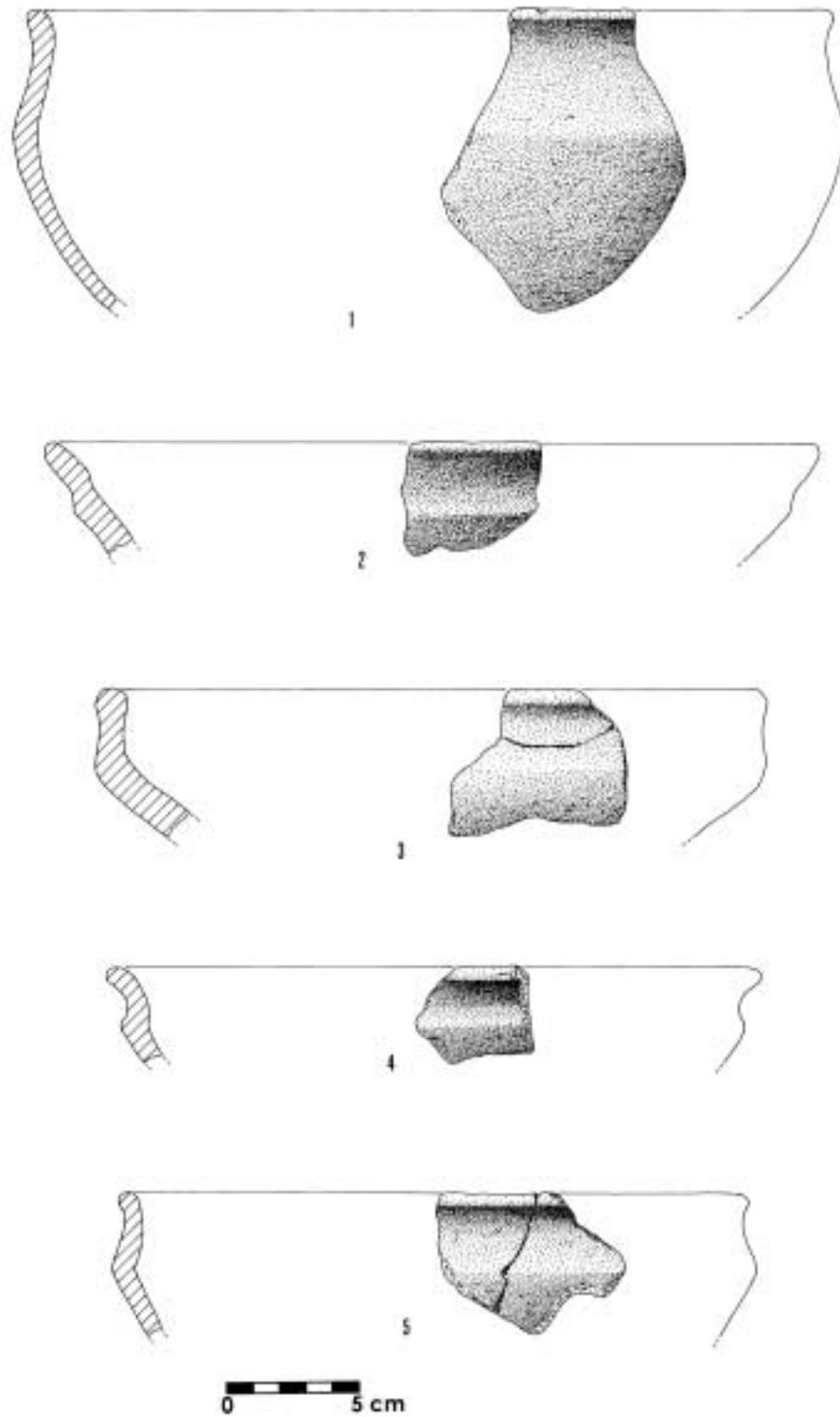


Fig. 13 Tapada da Ajuda. Taças de carena média.

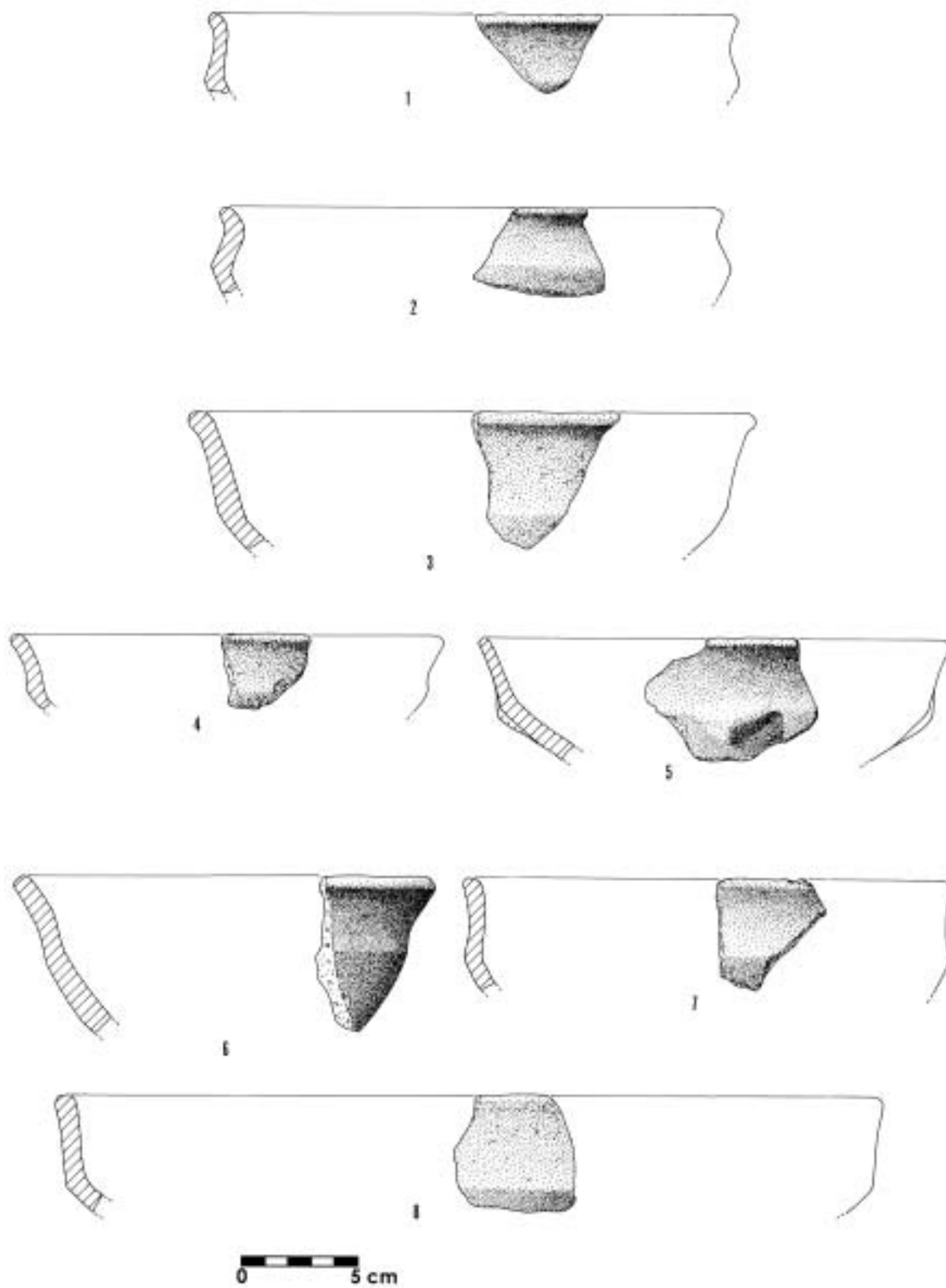


Fig. 14 Tapada da Ajuda. Taças de carena média e baixa.

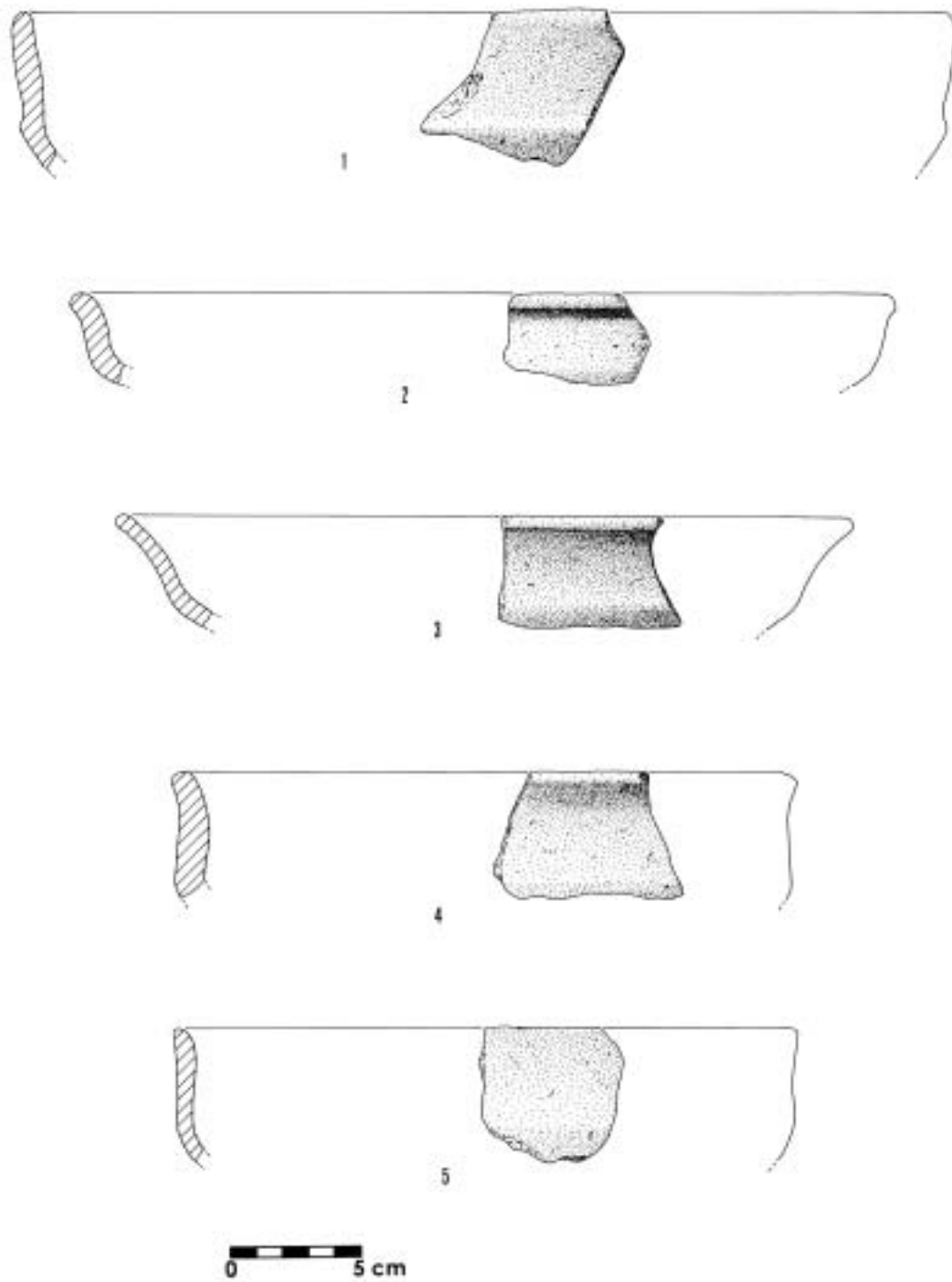


Fig. 15 Tapada da Ajuda. Taças de carena média e baixa.

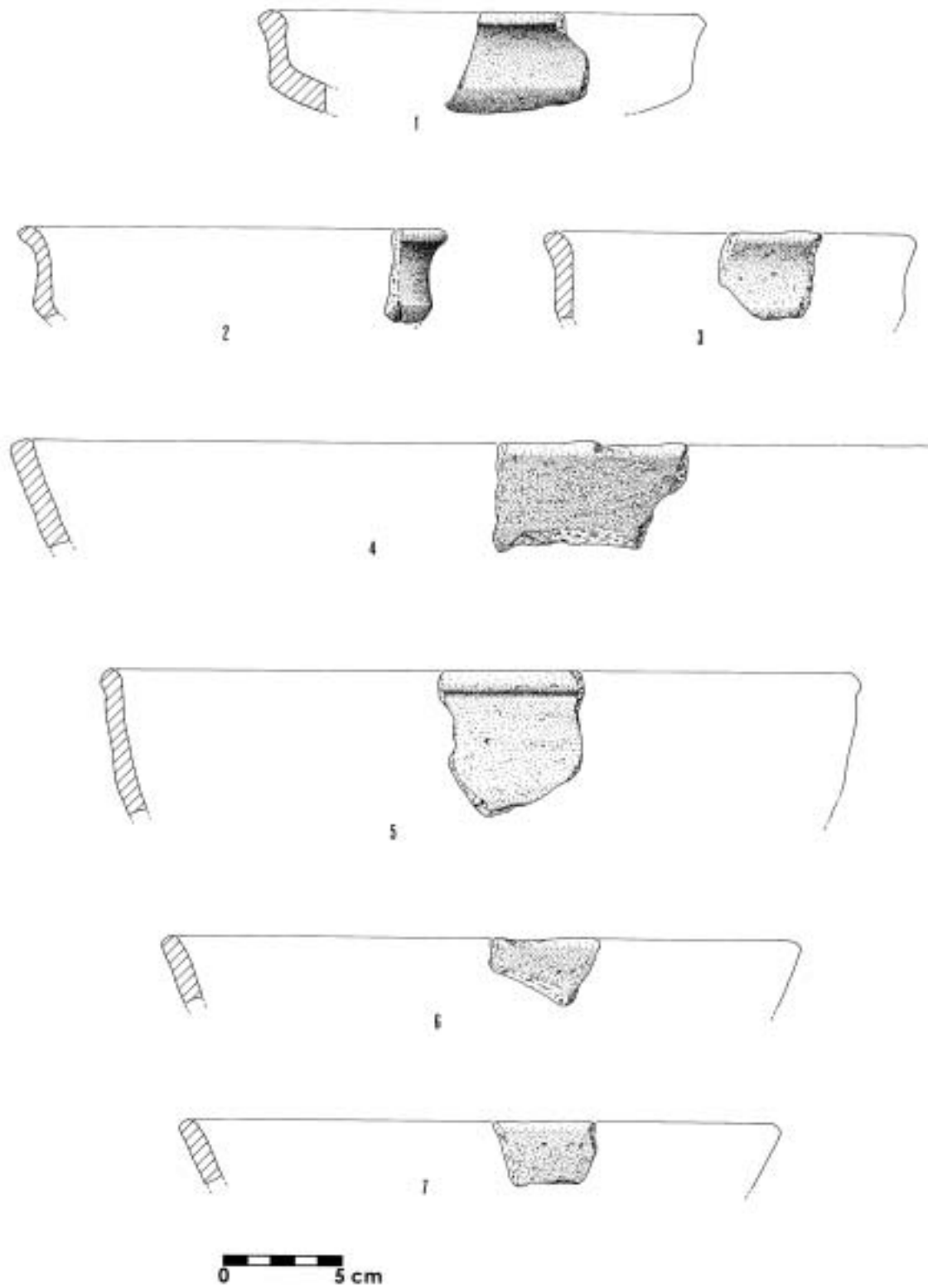


Fig. 16 Tapada da Ajuda. Taças de carena baixa e taças simples.

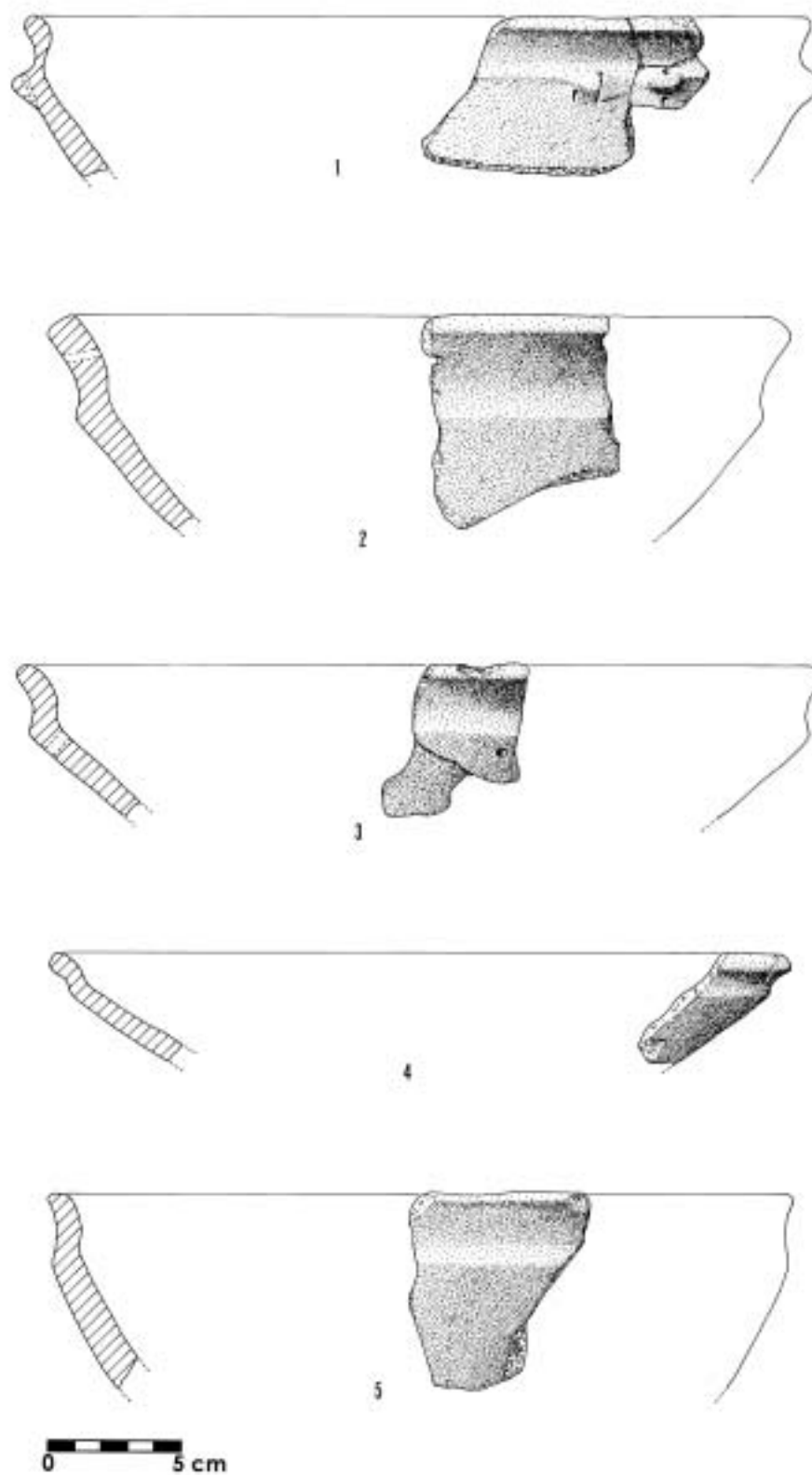


Fig. 17 Tapada da Ajuda. Taças de carena alta.

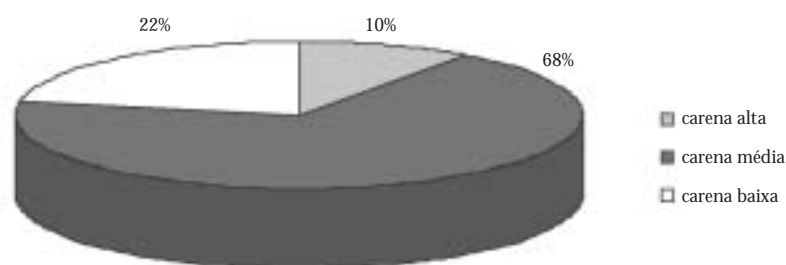


Fig. 18 Gráfico relativo aos tipos de carenas das taças carenadas.

No que respeita à análise macroscópica das pastas, trata-se de um conjunto relativamente homogêneo, onde predominam as pastas de cor castanha escura acinzentada (HUE 10YR2/2), cerca de 49% do total, castanha (HUE 5YR3/4-4/4), 19% e castanha escura (HUE 5YR3/2), cerca de 10,6% (Fig. 19). Este tipo de coloração das pastas aponta para uma cozedura das pastas de tipo redutora. No entanto, também marcam presença neste conjunto as pastas de cores claras, ainda que só constituam 12,6% do total. Das pastas de cozedura de tipo oxidante destacam-se as de cor castanha clara (6,3%), bege (4,2%), vermelha acastanhada (4,2%) e castanha clara alaranjada (2,1%).

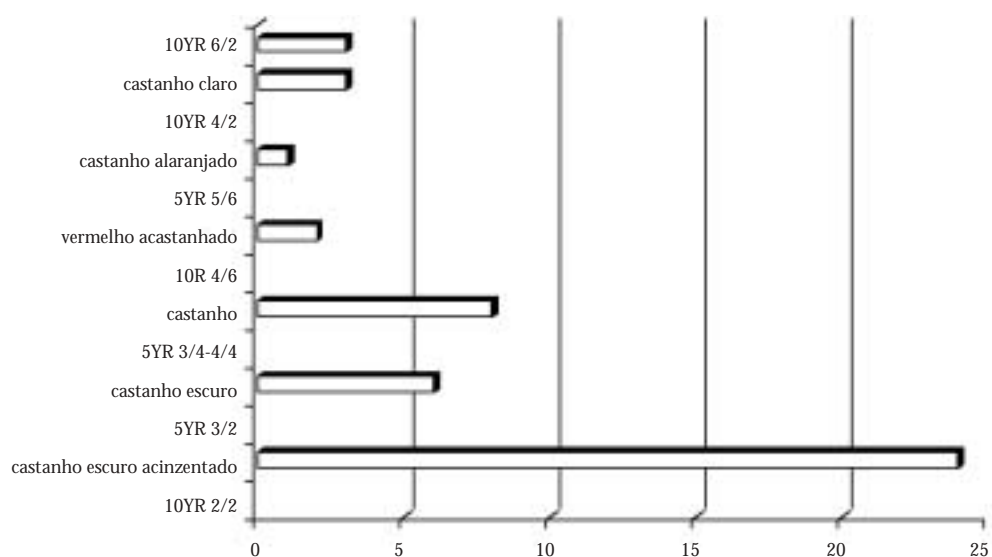


Fig. 19 Gráfico relativo às cores das pastas das taças carenadas.

A mesma análise macroscópica permitiu concluir que este conjunto é de fabrico de qualidade mediana, na medida em que, na maioria dos casos, a frequência dos elementos desengordurantes é média a abundante, constituindo os exemplares de cerâmica fina (onde são raros estes elementos e quando existem são de calibre inferior a 0,5 mm) apenas uma pequena parte do conjunto (cerca de 23,4%), conforme se verifica na Fig. 20.

Relativamente ao tipo de elementos desengordurantes (e.n.p.) que são observados na constituição das pastas, na sua grande maioria são grãos de quartzo, feldspatos e micas. Os grãos de

quartzo, são os que apresentam uma maior frequência e também os elementos de maior calibre que podem ser observados nas cerâmicas de fabrico médio a grosseiro. Por outro lado, as micas assumem uma maior importância ao nível das pastas de fabrico fino que contêm grandes quantidades de elementos desengordurantes de baixo calibre.

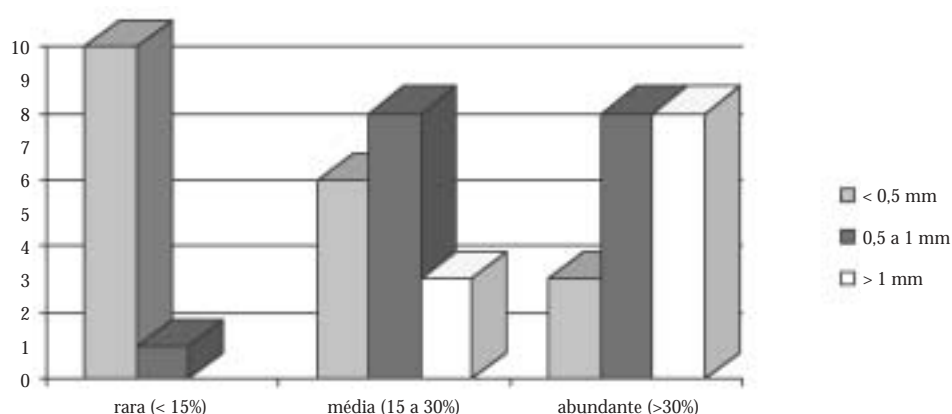


Fig. 20 Gráfico relativo à frequência e calibre dos elementos desengordurantes presentes nas pastas das taças carenadas.

Apesar das pastas apresentarem percentagens significativas de elementos desengordurantes, as superfícies, na maioria dos casos, denotam alguns cuidados, provavelmente resultantes de preocupações tanto de teor técnico como estético, porquanto se apresentam polidas ou alisadas, quer ao nível das paredes externas como das internas, o que aumentaria a estanquicidade. O tratamento brunido das superfícies não marca presença neste conjunto.

Relativamente ao tipo de pastas, cerca de 28% são compactas enquanto que as restantes são medianamente (50%) ou pouco compactas (22%).

Quanto à espessura das paredes, esta não ultrapassa os 0,8 mm em 82% dos casos, tendo-se verificado que os exemplares que não ultrapassam os 0,5 mm são os que apresentam as pastas mais depuradas e os que possuem mamilos, perfurados ou não, sobre a carena (estes exemplares constituem 8,5% do total da amostra das taças carenadas). Do restante conjunto das taças carenadas só nove exemplares é que apresentam uma espessura das paredes superior a 1 mm (18% do total).

O grupo das taças carenadas não revelou qualquer tipo de decoração incisa, impressa ou brunida, no entanto, cerca de 16% do conjunto apresenta: perfurações na parede (4%) — Fig. 17, n.º 3 — mamilos simples (4%) — Fig. 11, n.º 7 e Fig. 14, n.º 5 — ou com perfurações, duplas (4%) — Fig. 17, n.º 1; Fig. 11, n.º 2 — e simples (4%) — Fig. 12, n.º 3 — ao nível da carena.

Estando conscientes da relatividade que envolve a análise de cariz mais teórico do estudo das cerâmicas pré e proto-históricas e tomando em linha de conta estudos prévios relacionados com esta temática (Picazo Millán, 1993; Vilaça, 1995), optou-se por tecer algumas breves considerações sobre a funcionalidade deste tipo de recipientes e dos restantes que compõem o conjunto em análise. Assim, e relativamente às taças carenadas, estas podem ser associadas tanto à preparação de alimentos, pelas marcas de exposição ao fogo que geralmente apresentam, como ao serviço à mesa (incluindo o consumo de líquidos), quando as suas superfícies são mais cuidadas e a espessura das suas paredes é mais fina (<1 mm).

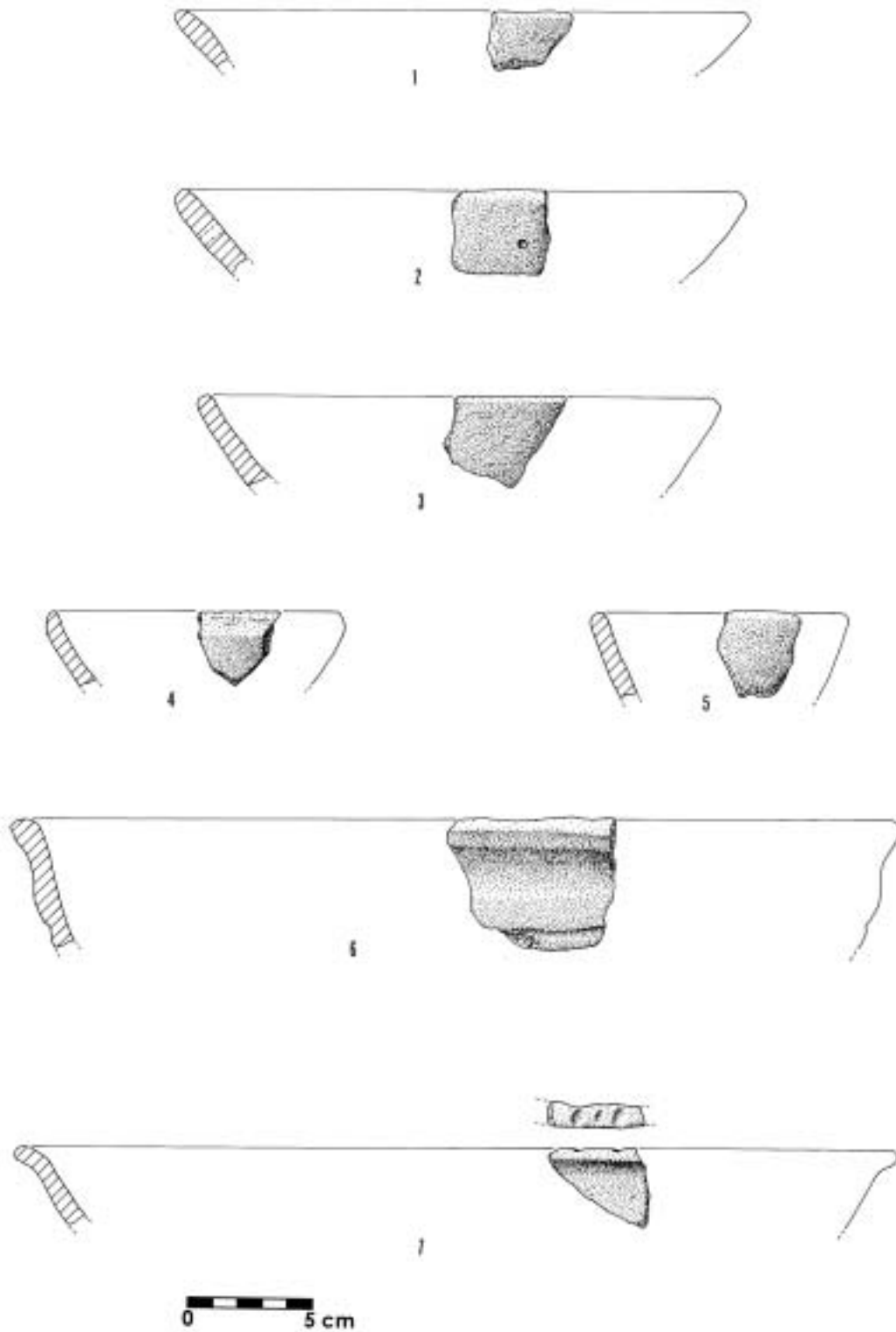


Fig. 21 Tapada da Ajuda. Taças simples e taças de perfil suave.

Taças simples

Trata-se de um grupo de formas com pouca representatividade ao nível do conjunto total das cerâmicas. A maior parte destes recipientes é de dimensão média (entre 20 e 25 cm de diâmetro) e apresenta formas em calote de esfera (Fig. 16, n.ºs 4 a 7 e Fig. 21, n.ºs 1 a 5).

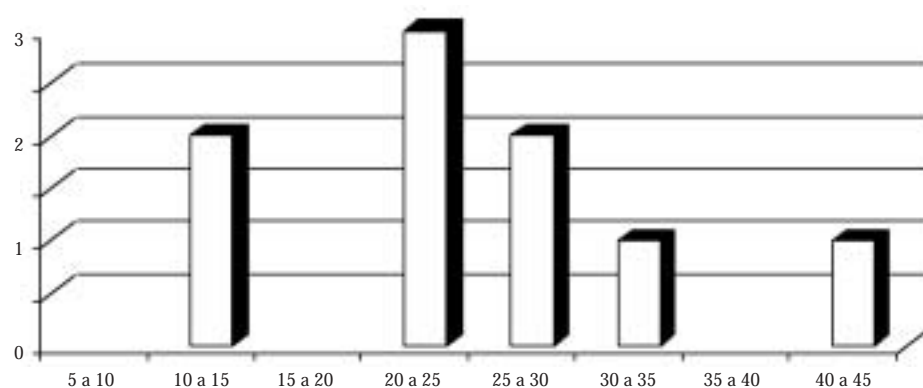


Fig. 22 Gráfico relativo às dimensões das taças simples (intervalos em cm).

Quanto aos resultados da análise macroscópica efectuada sobre estes recipientes, verificou-se que a maioria (77%) apresenta uma frequência relativamente elevada de elementos desengordurantes de calibre médio (0,5 a 1 mm), correspondentes a pastas de textura maioritariamente mediana (Fig. 23). Quanto à natureza destes elementos, estes são, na sua maioria, quartzo, feldspatos e micas, verificando-se que as maiores percentagens são ocupadas, essencialmente, pelos elementos de quartzo que dominam a maioria das pastas de textura média. As superfícies destas pastas, tal como sucede com as das taças carenadas, são polidas ou alisadas.

A espessura das paredes destes recipientes não ultrapassa 10 mm em nenhum dos exemplares do conjunto.

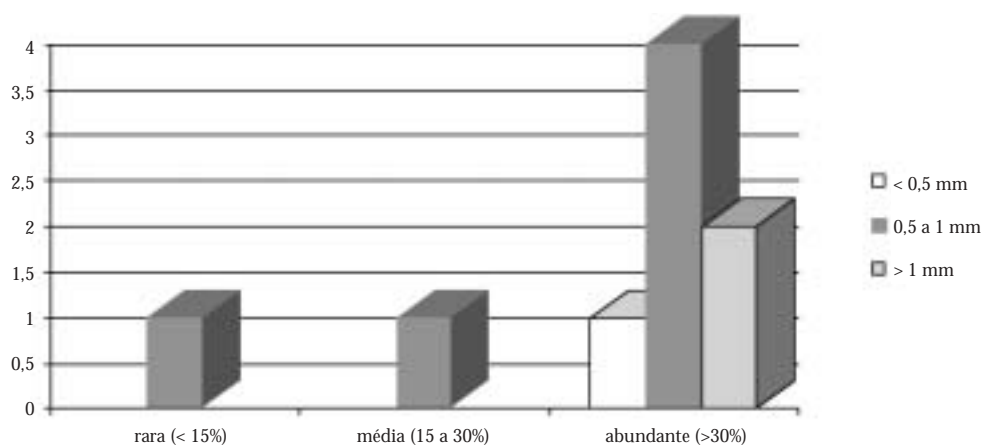


Fig. 23 Gráfico relativo à frequência e calibre dos elementos desengordurantes presentes nas pastas das taças simples.

Relativamente à coloração das pastas (Fig. 24), o conjunto reparte-se de forma uniforme por pastas de cores escuras e claras, ainda que estas últimas estejam em vantagem por um exemplar. Mais uma vez a cor castanha escura acinzentada (HUE 10YR2/2) é a que inclui o maior número de exemplares, a que se segue as cores castanha clara (HUE 5YR4/2) e castanha clara alaranjada (HUE 5YR5/6).

Deste conjunto destacam-se três exemplares: um por apresentar uma perfuração no bojo (Fig. 21, n.º 2) e os outros dois por serem de dimensões elevadas relativamente ao resto do conjunto e por apresentarem um perfil mais irregular (Fig. 16, n.ºs 4 e 5).

Estes recipientes, segundo alguns autores (Picazo Millán, 1993), serviriam para o consumo à mesa, no caso dos exemplares de dimensões médias/pequenas, com superfícies cuidadas e pastas mais depuradas, enquanto que os exemplares de maiores dimensões, de pastas mais grosseiras, serviriam para aquecer e preparar alguns alimentos.

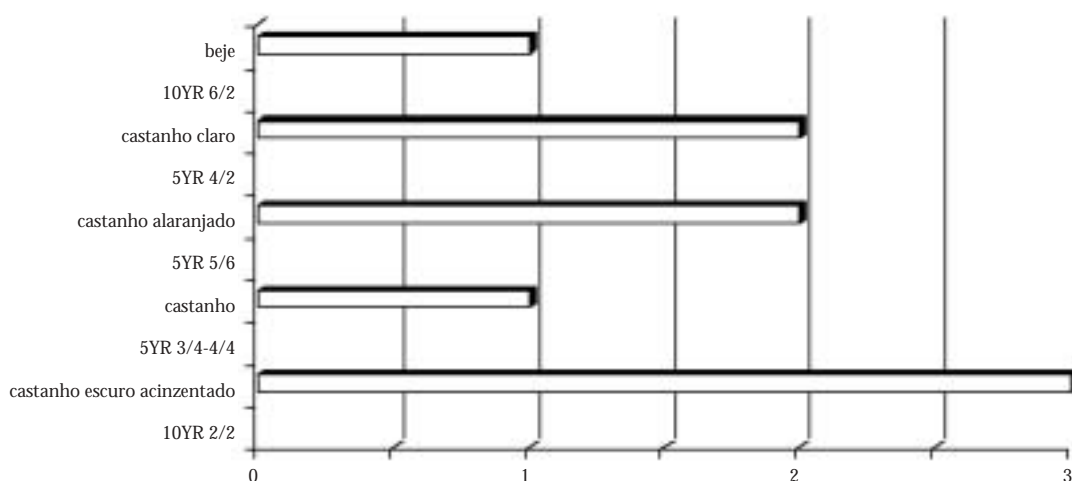


Fig. 24 Gráfico relativo às cores das pastas das taças simples.

Taças de perfil suave

Este grupo de recipientes abertos é constituído por seis exemplares de dimensões máximas compreendidas entre os 15 e os 20 cm (4) e os 35 e os 40 cm (2). Sendo, na sua maioria, de pequenas dimensões, todos os exemplares possuem paredes de espessura inferior a 10 mm.

Caracterizam-se por serem formas muito abertas, com paredes divergentes que adquirem uma forma arredondada na zona próxima da base; bordos, na sua maioria, são extrovertidos e aplanados.

As colorações das pastas destes recipientes dividem-se de forma similar aos restantes grupos cerâmicos que compõem o conjunto em análise (Fig. 26); a maioria caracteriza-se por ser de cozedura do tipo redutor (4 exemplares de cor castanha escura acinzentada HUE 10YR2/2) enquanto que os restantes são do tipo oxidante (2 exemplares: um de cor castanha clara e outro de cor vermelha clara HUE 10R6/6).

Quanto à presença de elementos desengordurantes nas pastas, esta revela-se abundante na maioria dos exemplares e de grande calibre (> 1 mm), destacando-se as elevadas quantidades de quartzo presentes nas argilas (Fig. 25).

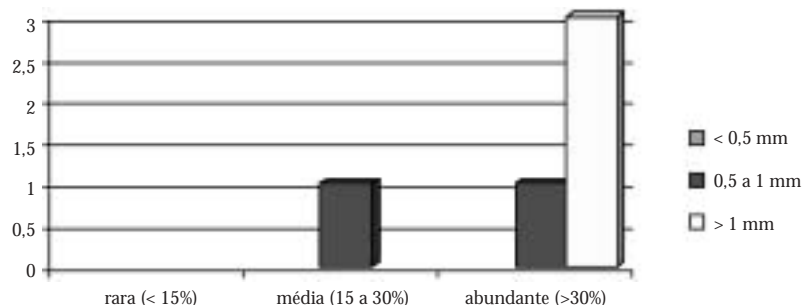


Fig. 25 Gráfico relativo à frequência e calibre dos elementos desengordurantes presentes nas pastas das taças de perfil suave.

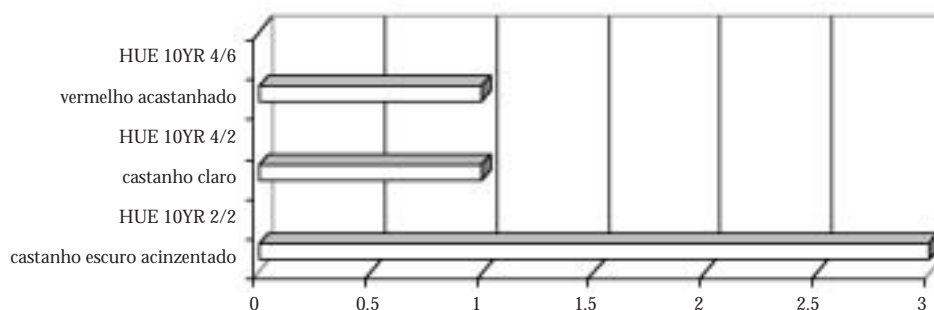


Fig. 26 Gráfico relativo à coloração das pastas das taças de perfil suave.

Neste conjunto de recipientes destacamos três exemplares: dois pela decoração impressa digitada que possuem no lábio aplanado do bordo extrovertido (Fig. 21, n.º 7 e Fig. 27, n.º 3) e o outro por possuir elementos de suspensão (duas perfurações) ligeiramente abaixo da linha do bordo (Fig. 27, n.º 2).

Quanto à funcionalidade destes recipientes, esta deveria ser a mesma ou semelhante à das taças simples, anteriormente analisadas: consumo ou aquecimento de alimentos, dada a qualidade média/fraca das pastas.

Pratos e taças baixas

Este conjunto de recipientes, tal como o das taças de perfil suave, não tem uma presença muito expressiva ao nível do total da amostra em análise. A observação das dimensões destas formas — Fig. 27, n.ºs 5 a 9 — revelou recipientes de diâmetros médios a grandes (entre os 25 e os 40 cm).

As pastas destes recipientes caracterizam-se pelo seu fabrico médio a grosseiro, onde a frequência dos elementos desengordurantes é média e estes podem assumir dimensões desde as mais ínfimas (<0,5 mm), onde se verifica uma grande percentagem de micas, até às de maior calibre (>1 mm), onde prevalecem os elementos de quartzo (Fig. 28). As superfícies da maioria dos exemplares foi alisada só se observando uma superfície polida numa parede externa de deles.

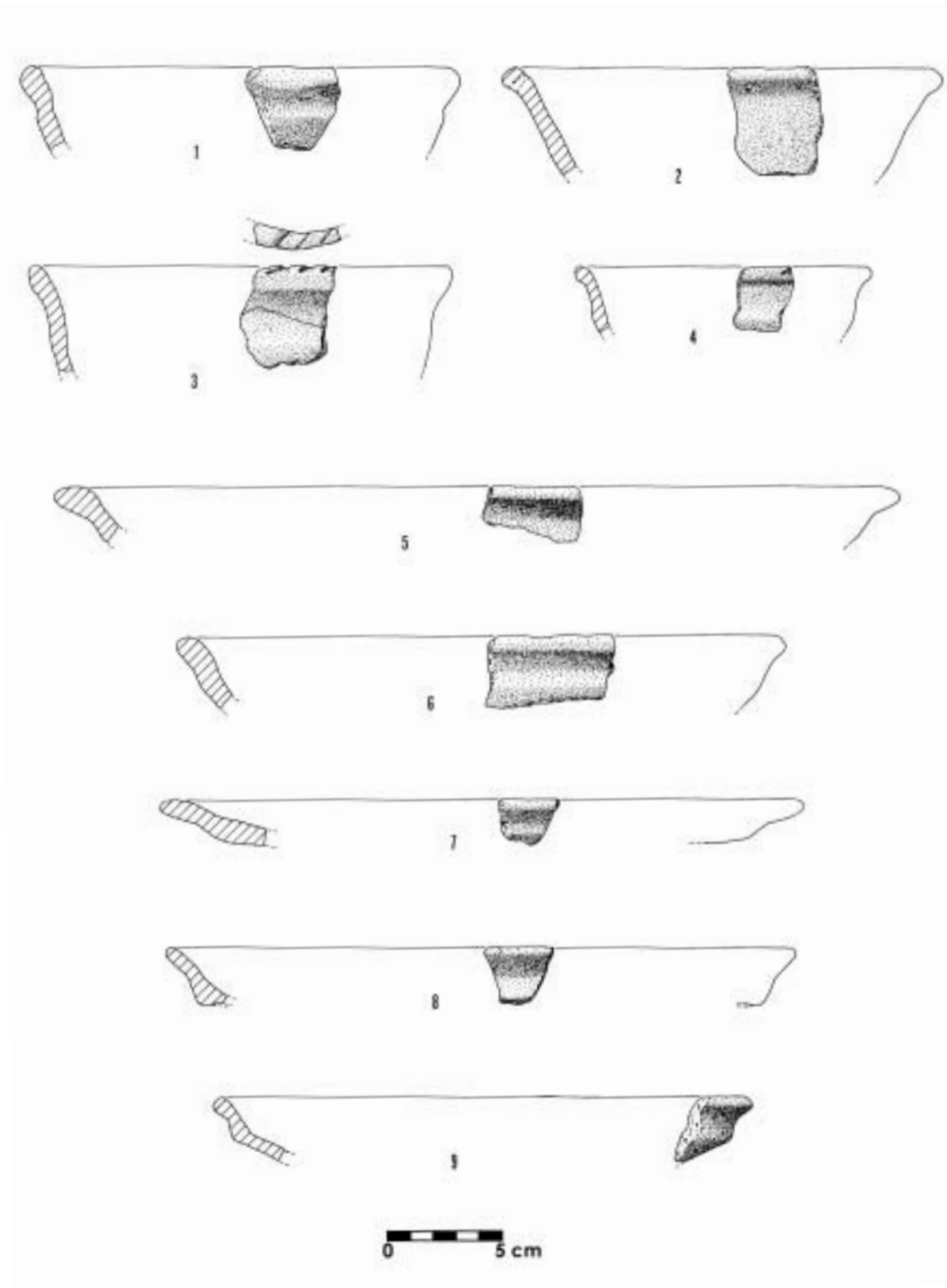


Fig. 27 Tapada da Ajuda. Taças de perfil suave, pratos e taças baixas.

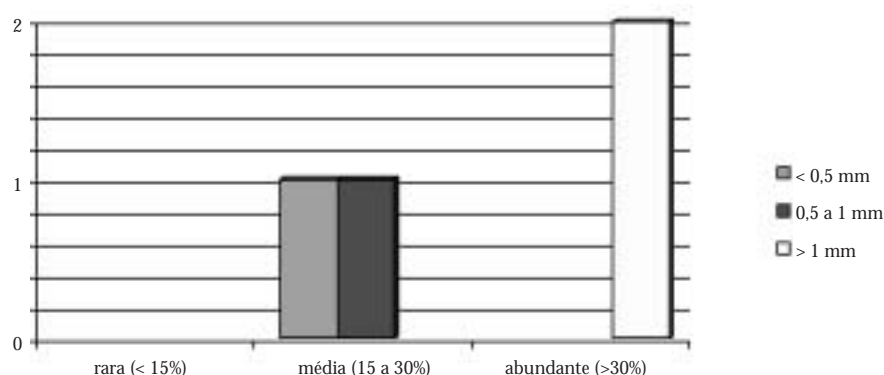


Fig. 28 Gráfico relativo à frequência e calibre dos elementos desengordurantes presentes nas pastas dos pratos e taças baixas.

Relativamente à coloração que estas pastas apresentam, as cores que prevalecem são as claras, entre o vermelho acastanhado (HUE 10R 4/6) e o castanho alaranjado (5YR 5/6), 2 e 3 exemplares, respectivamente, o que revela cozeduras do tipo oxidante.

Trata-se de recipientes que, tal como durante o Calcolítico, deveriam ser utilizados para o consumo de cereais, daí as suas formas muito abertas e a pouca altura, para facilitar o acesso aos alimentos por um ou mais indivíduos.

Potes

Trata-se do grupo de maior importância da amostra em estudo, tanto do ponto de vista quantitativo como qualitativo, dada a grande variedade morfológica interna. Tal como nos restantes grupos tipológicos estudados, a análise foi feita sobre fragmentos; deste modo, a classificação baseou-se na orientação das paredes do colo: divergentes, convergentes, subverticais ou paralelas.

Característicos pela sua forma fechada, os potes podem ser subdivididos em quatro subtipos consoante o ângulo de abertura de colo que apresentam: aqueles que têm uma maior expressão são os de colo fechado, seguidos dos de colo extrovertido, encontrando-se os restantes subtipos em relativa igualdade do ponto de vista da frequência absoluta.

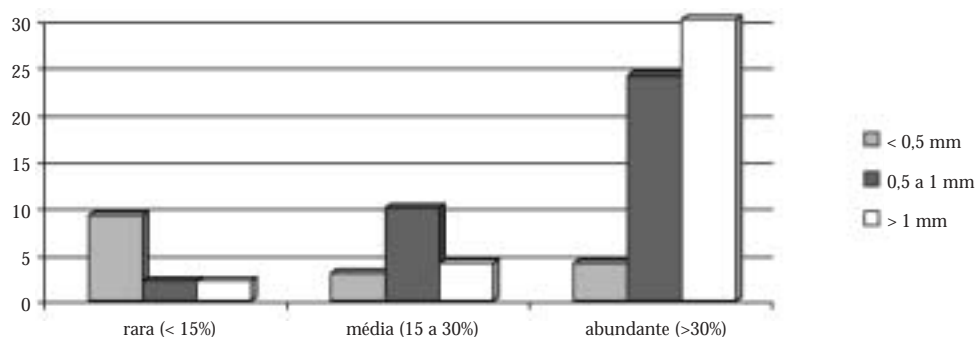


Fig. 29 Gráfico geral relativo à frequência e calibre dos elementos desengordurantes presentes nas pastas dos potes.

São recipientes que se caracterizam pelo seu fabrico médio a grosseiro (Fig. 29), onde pode ser observada constantemente a presença de elevadas percentagens de elementos desengordurantes de grande calibre e que se encontram associados a funções de armazenamento e transporte de alimentos devido à sua forma fechada.

A grande maioria do conjunto não ultrapassa diâmetros superiores a 25 cm, tendo um maior peso no conjunto total dos potes aqueles de dimensões entre os 15 e os 20 cm de diâmetro, isto é, de pequenas dimensões (Fig. 30).

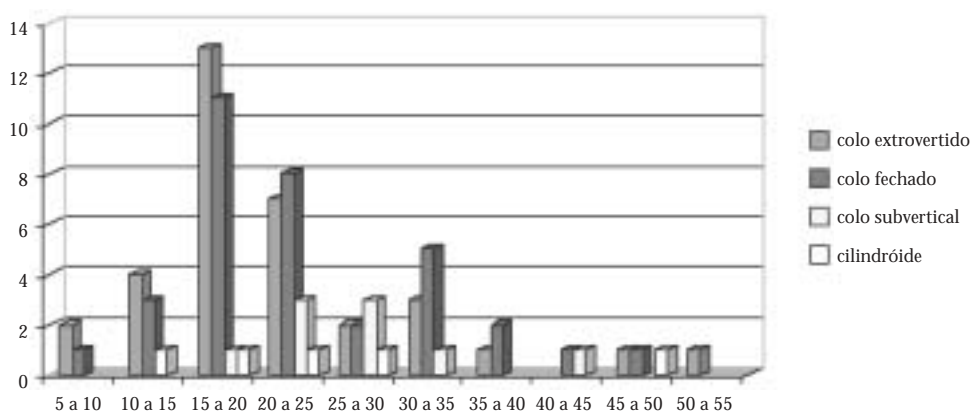


Fig. 30 Gráfico relativo às dimensões da abertura dos potes.

Potes de colo extrovertido

Os potes de colo extrovertido constituem um dos subtipos com maior representatividade ao nível do grupo dos potes.

Trata-se de peças de pequenas dimensões (geralmente com diâmetros inferiores ou iguais a 25 cm), existindo somente dois exemplares que ultrapassam estas medidas (Fig. 31, n.ºs 1 e 2).

Dentro deste sub-tipo foram incluídos quatro recipientes que apresentam uma ligeira inflexão no sentido da base ao nível do bojo (Fig. 32, n.ºs 6 a 10 e Fig. 33, n.º 1); outro dos exemplares de destaque neste conjunto é um pote que apresenta uma carena imediatamente abaixo do bordo (Fig. 33, n.º 2).

A análise macroscópica revelou pastas, na sua maioria, de cozedura tipo redutora (70% do total dos recipientes) onde predomina a cor castanha (HUE 5YR3/4-4/4). Os exemplares de cozedura tipo oxidante, englobam os restantes 30% e caracterizam-se por pastas de cor castanha clara (HUE 5YR5/2 (Fig. 34).

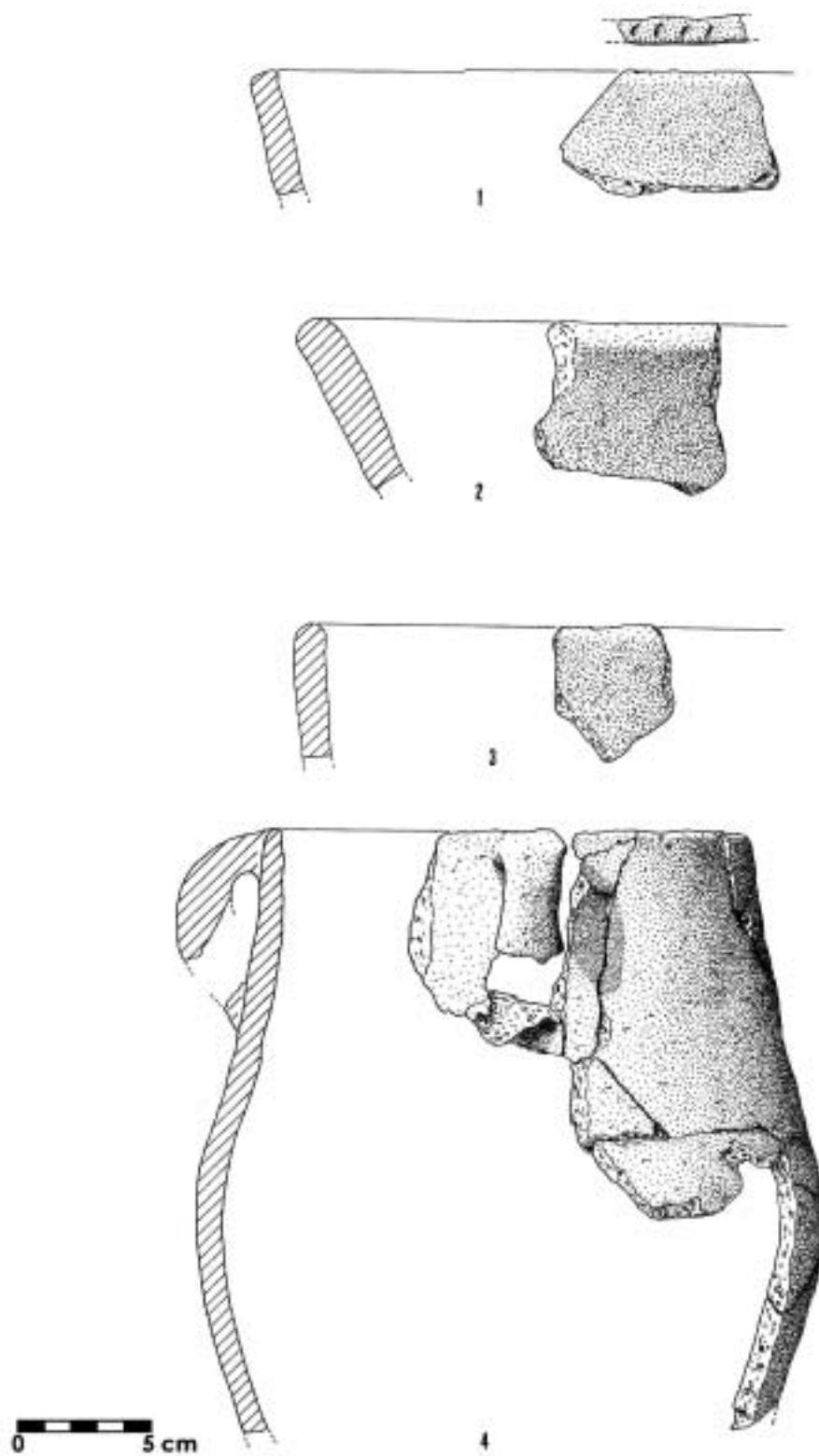


Fig. 31 Tapada da Ajuda. Potes de colo extrovertido ou de paredes subverticais.

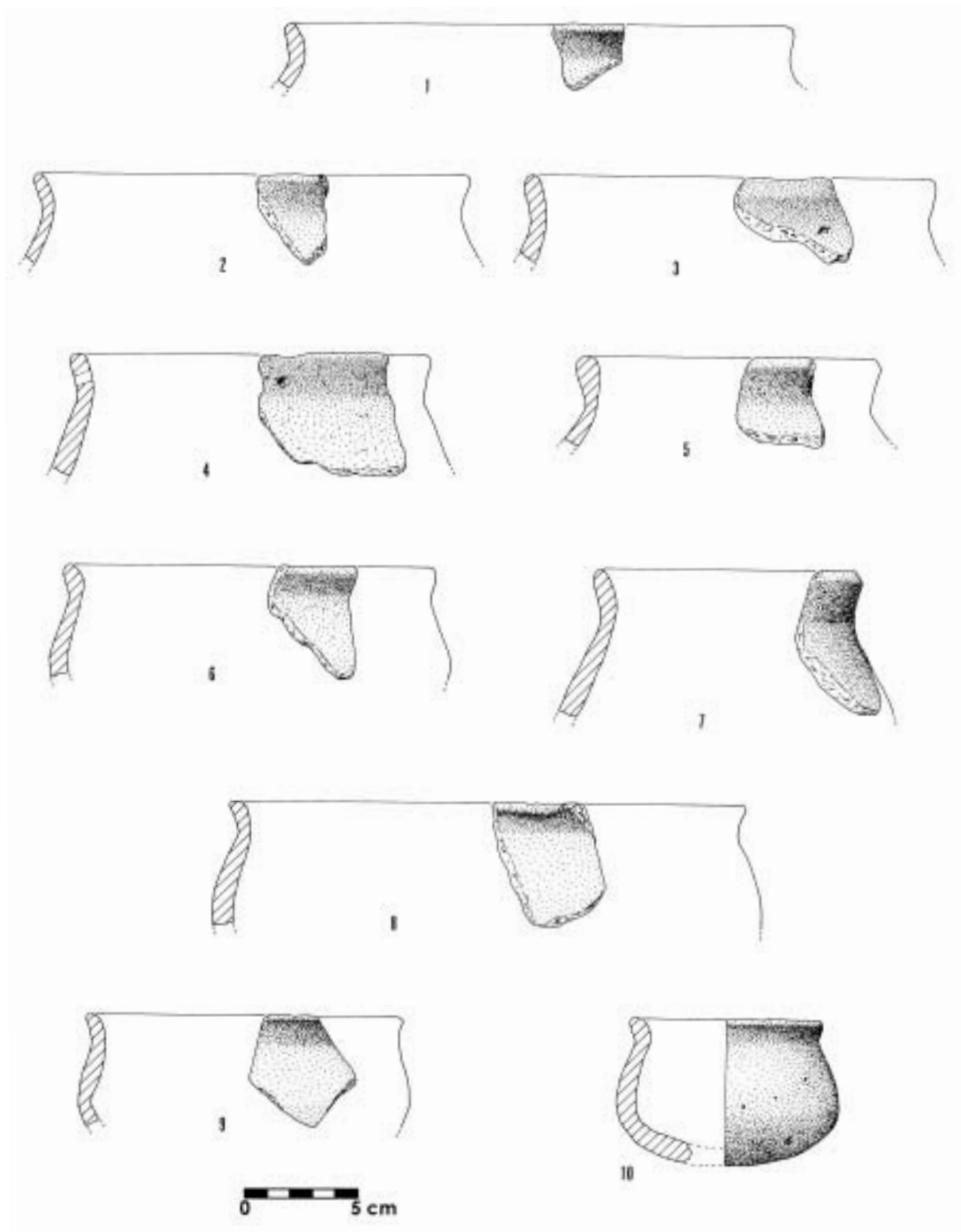


Fig. 32 Tapada da Ajuda. Potes de colo extrovertido.

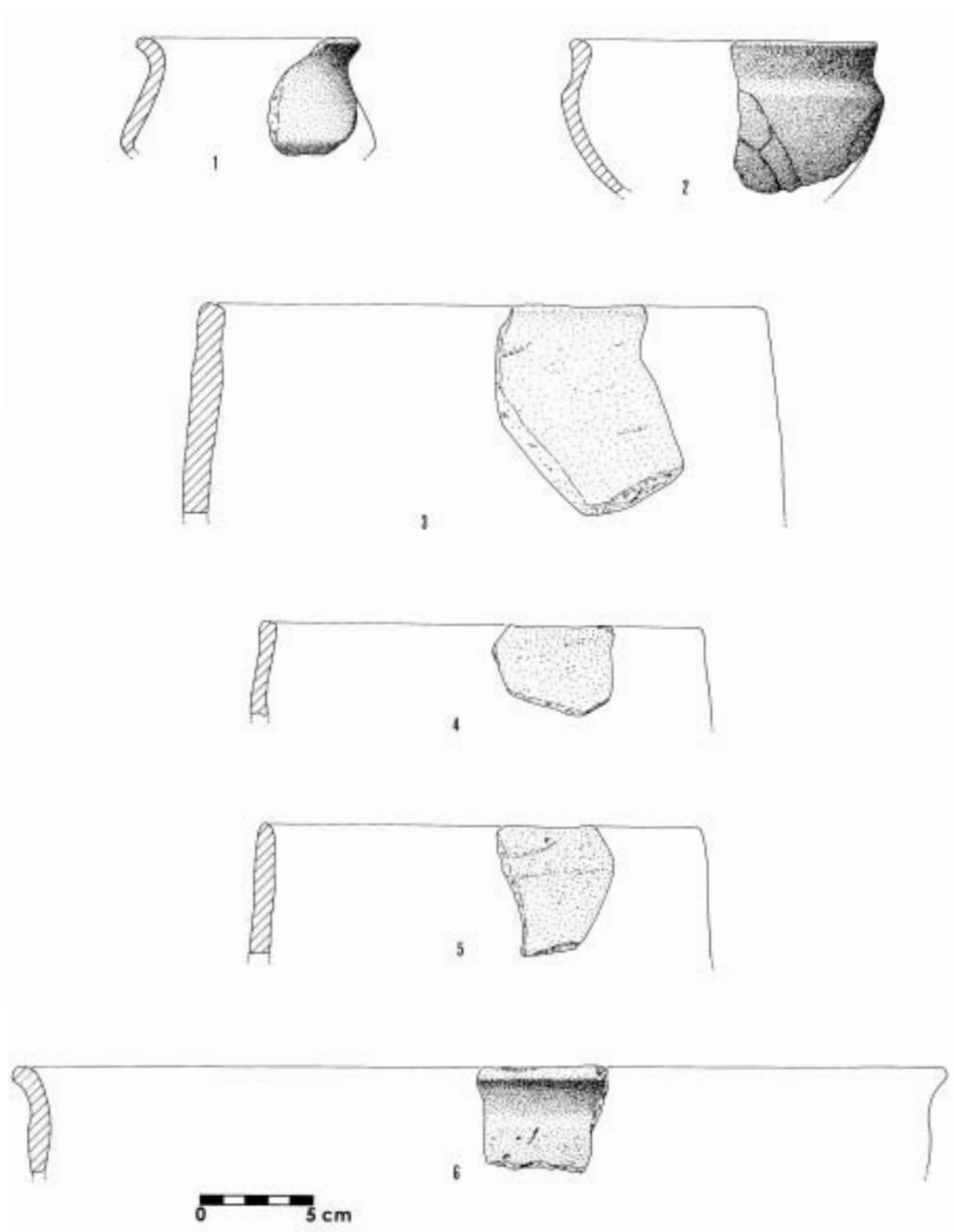


Fig. 33 Tapada da Ajuda. Potes de colo extrovertido ou de paredes subverticais.

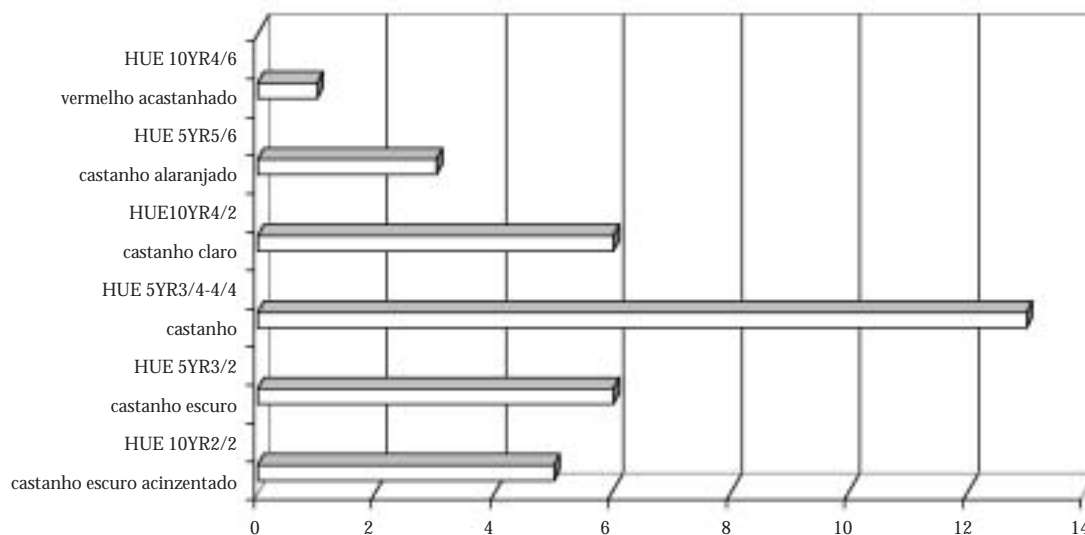


Fig. 34 Gráfico relativo às cores das pastas dos potes de colo extrovertido.

Quanto à frequência e calibre dos elementos desgordurantes, tal como nos restantes subtipos, caracterizam-se por elevadas percentagens de tamanhos entre os 0,5 mm e maiores que 1 mm (Fig. 35). No entanto, é de salientar os casos referentes a potes, onde a presença deste tipo de elementos não-plásticos não é tão elevada relativamente ao resto do conjunto: estes constituem cerca de 30% do total e encontram-se relacionados com recipientes de paredes relativamente finas (< 1 cm de espessura), entre os quais se destacam três, por pertencerem ao grupo dos recipientes que apresentam uma inflexão na parede no sentido da base.

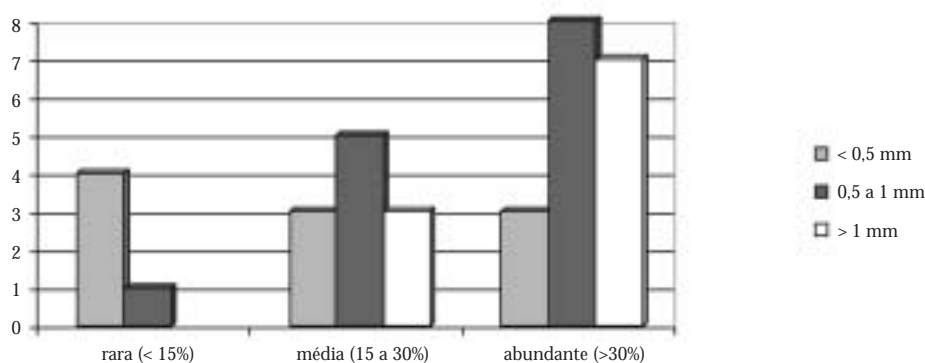


Fig. 35 Gráfico relativo à frequência e calibre dos elementos desgordurantes presentes nas pastas dos potes de colo extrovertido.

Por fim, relativamente às diferenças morfológicas que podem ser observadas ao nível deste subtipo, estas ocorrem essencialmente no bordo. Assim, nos exemplares de colo extrovertido, destaca-se a presença maioritária de bordos simples (70%), de bordos espessados internamente (29%) e de dois casos de bordos espessados externamente (Fig. 36, n.º 6 e Fig. 32, n.º 5).

Quanto ao caso específico dos potes que apresentam a inflexão no sentido da base, estes caracterizam-se, na sua maioria, por terem os bordos em bisel ou espessados internamente.

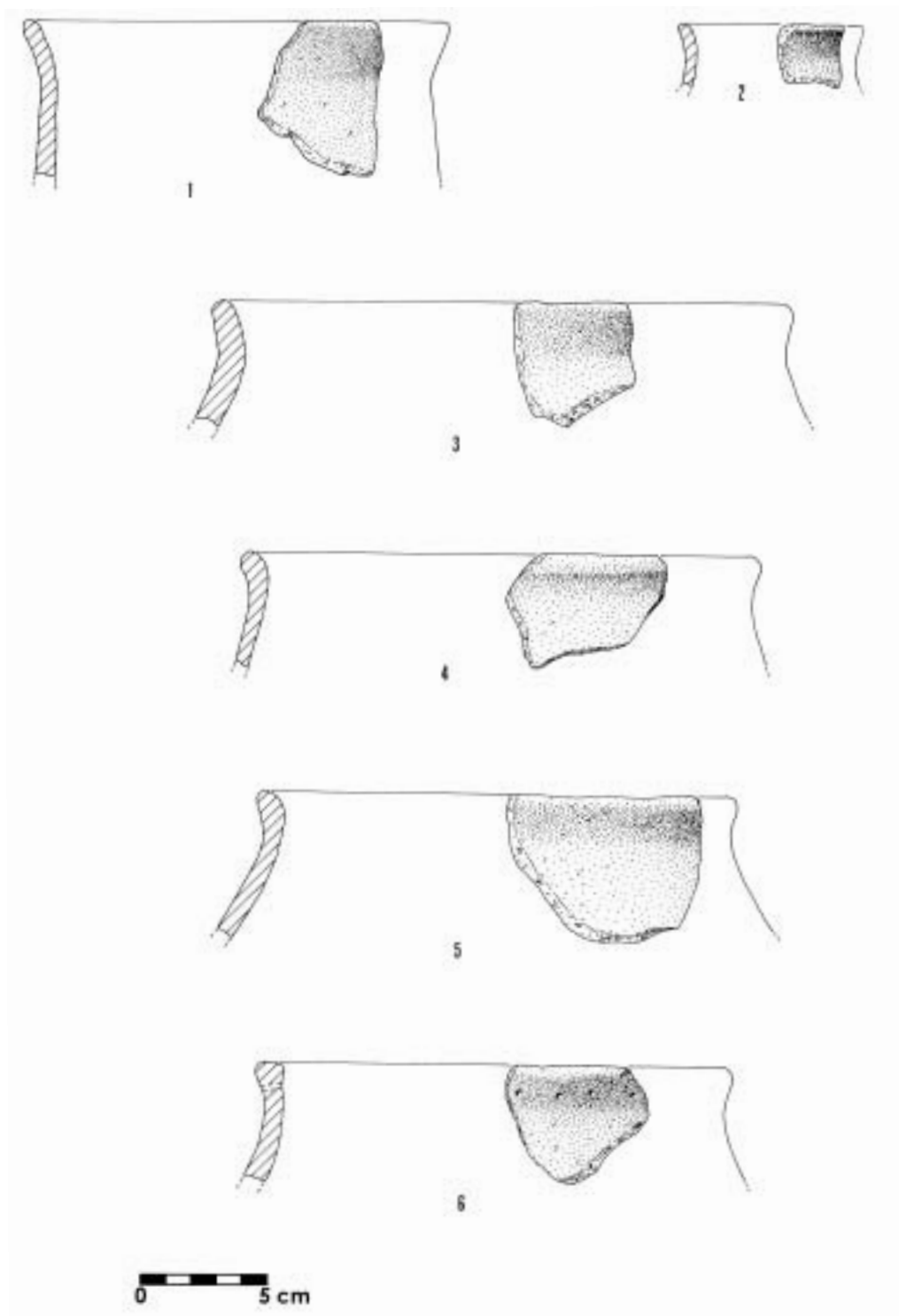


Fig. 36 Tapada da Ajuda. Potes de colo extrovertido, ou de tendência extrovertida.

Potes de colo fechado

Este é o subtipo com maior representatividade dentro do conjunto dos potes. Caracteriza-se por recipientes cujo colo tem as paredes convergentes.

Da análise macroscópica concluiu-se que nestes recipientes predominam os de cozedura redutora, destacando-se as colorações castanha escura acinzentada e castanha (são as colorações predominantes em cerca de 60% destes potes). Nos restantes 40%, em que a cozedura é de tipo oxidante, destacam-se as pastas de cor castanha clara, bege e vermelho acastanhado (Fig. 37).

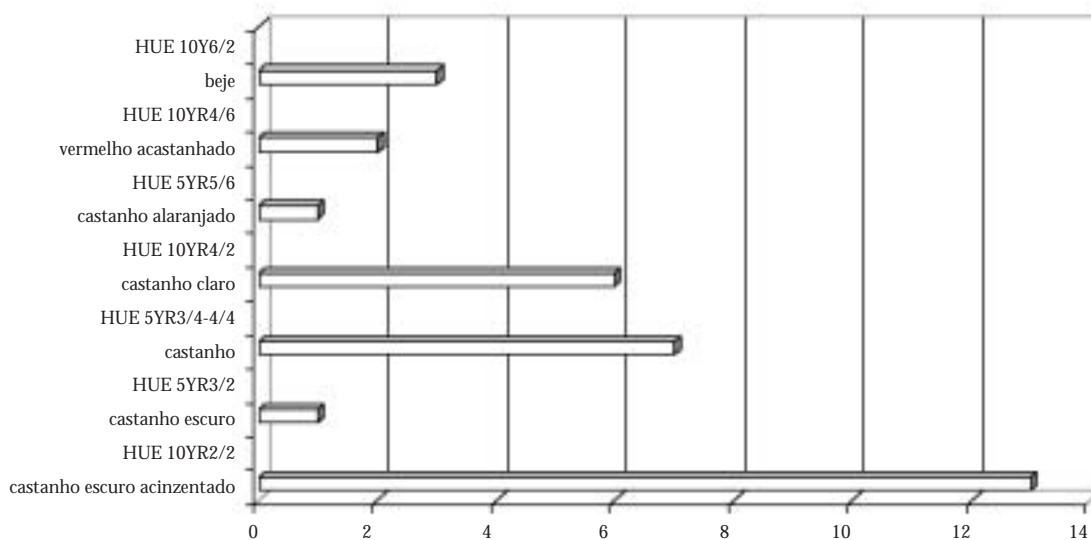


Fig. 37 Gráfico relativo à coloração das pastas dos potes de colo fechado.

Relativamente à frequência e calibre dos elementos desengordurantes presentes na maioria das pastas deste tipo de potes, são elevadas as quantidades daqueles elementos, sendo elevado o seu calibre (Fig. 38).

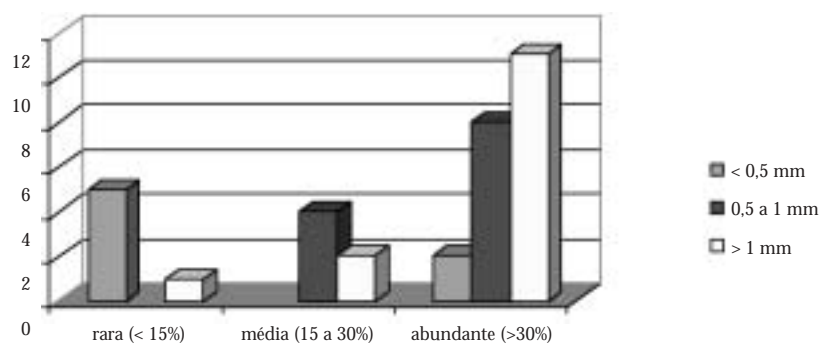


Fig. 38 Gráfico relativo à frequência e calibre dos elementos desengordurantes presentes nas pastas dos potes de colo fechado.

Uma vez mais, no sentido de tornar mais claras as diferenças que existem ao nível interno deste subtipo, procedeu-se a uma análise do tipo de bordos existentes. Assim, verificou-se que o tipo de bordo mais predominante era o simples, sem espessamento do lábio (convexo) (está presente em 48% dos exemplares deste conjunto): dentro deste, o de orientação invertida é o que tem uma presença mais marcante, seguido do de orientação exvertida e do direito. Os bordos de orientação invertida espessados interna e externamente constituem 15% do total destes exemplares de colo fechado. Por fim, também é de salientar a existência de bordos direitos, na sua maioria de orientação invertida, que caracterizam cerca de 12% deste tipo de recipientes (Fig. 39).

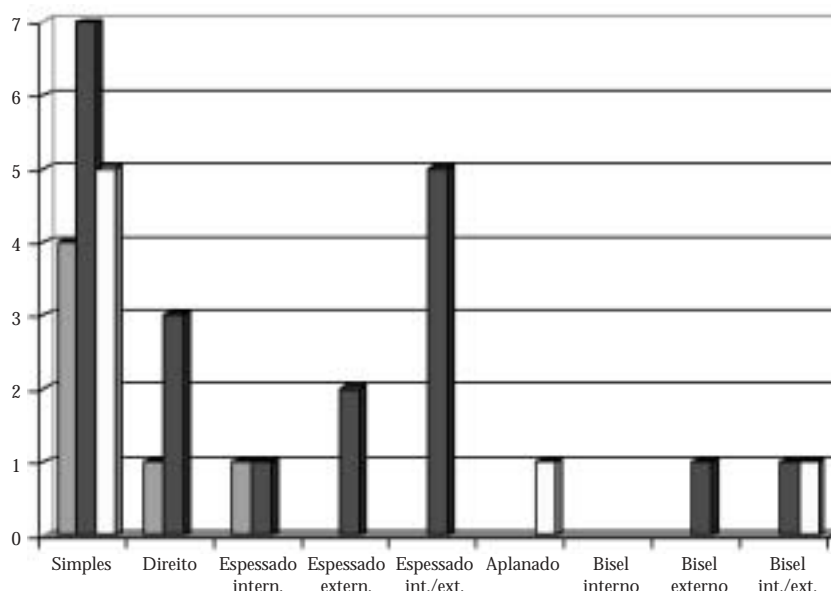


Fig. 39 Gráfico relativo à frequência dos diferentes tipos de bordos presentes nos potes de colo fechado.

De salientar o facto deste subtipo ser aquele que do conjunto total dos potes possui no seu seio um maior número de exemplares perfurados (dos 35 recipientes 7 são perfurados – Fig. 40, n.ºs 1 a 5 e Fig. 41, n.ºs 1 e 2). Este aspecto poderá corroborar, de certa forma, uma das funções que muitas das vezes é atribuída aos potes: a de armazenagem e transporte de alimentos.

Potes de colo direito ou de paredes sub-verticais

Este subtipo caracteriza-se por ter as paredes subverticais e paralelas ou por possuir colo direito. Apesar de não constituir em si um conjunto numeroso, foi identificada alguma variedade de formas ao nível dos tipos de bordo existentes, aspecto que mais adiante será abordado.

Ao ser efectuada uma análise macroscópica das pastas destes recipientes pôde observar-se que estes são maioritariamente de fabrico médio a grosseiro, onde a presença de elementos desengordurantes é elevada e onde o calibre destes se situa entre os 0,5 e valores superiores a 1 mm (Fig. 42).

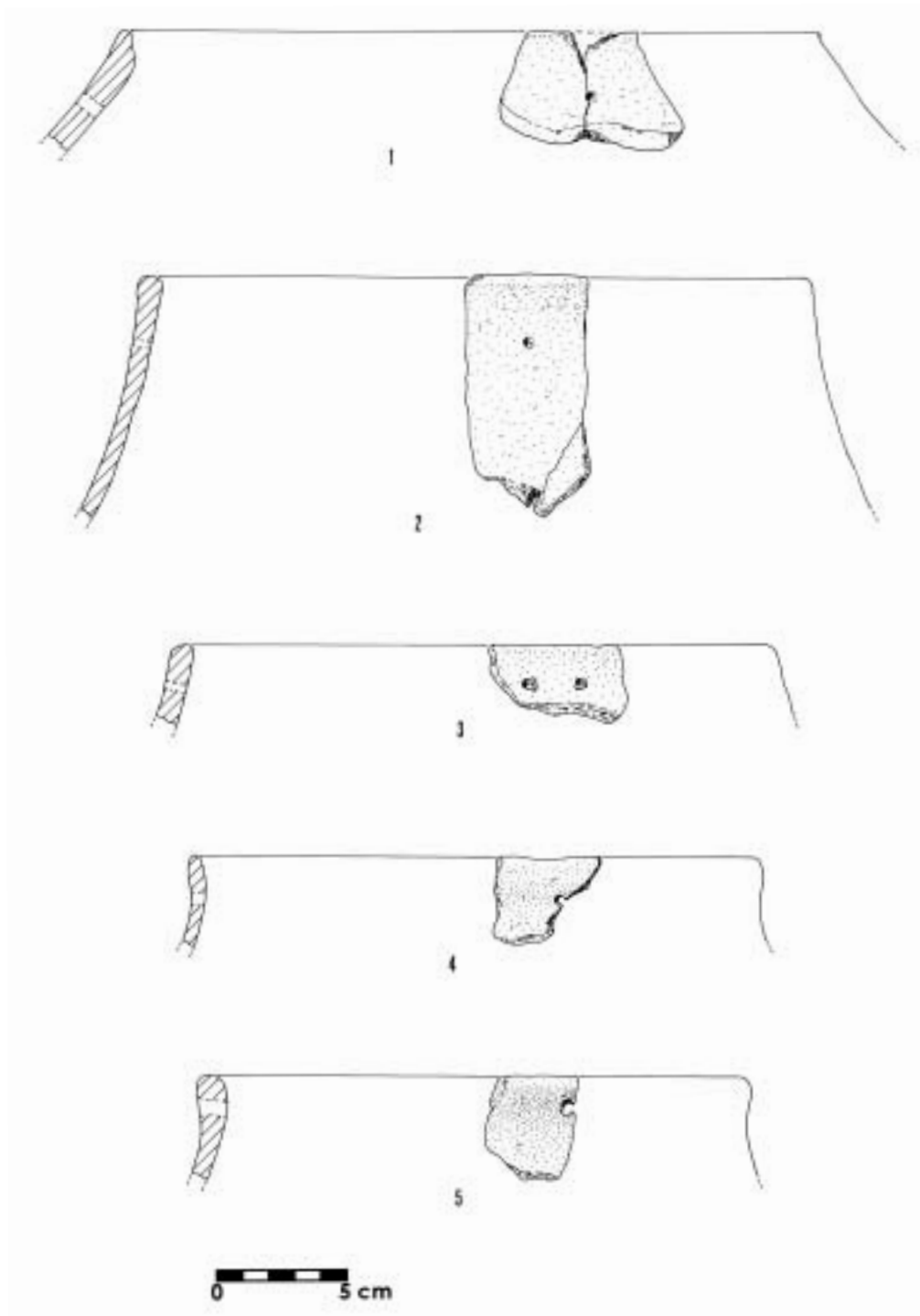


Fig. 40 Tapada da Ajuda. Potes de colo fechado com furações em torno do bordo.

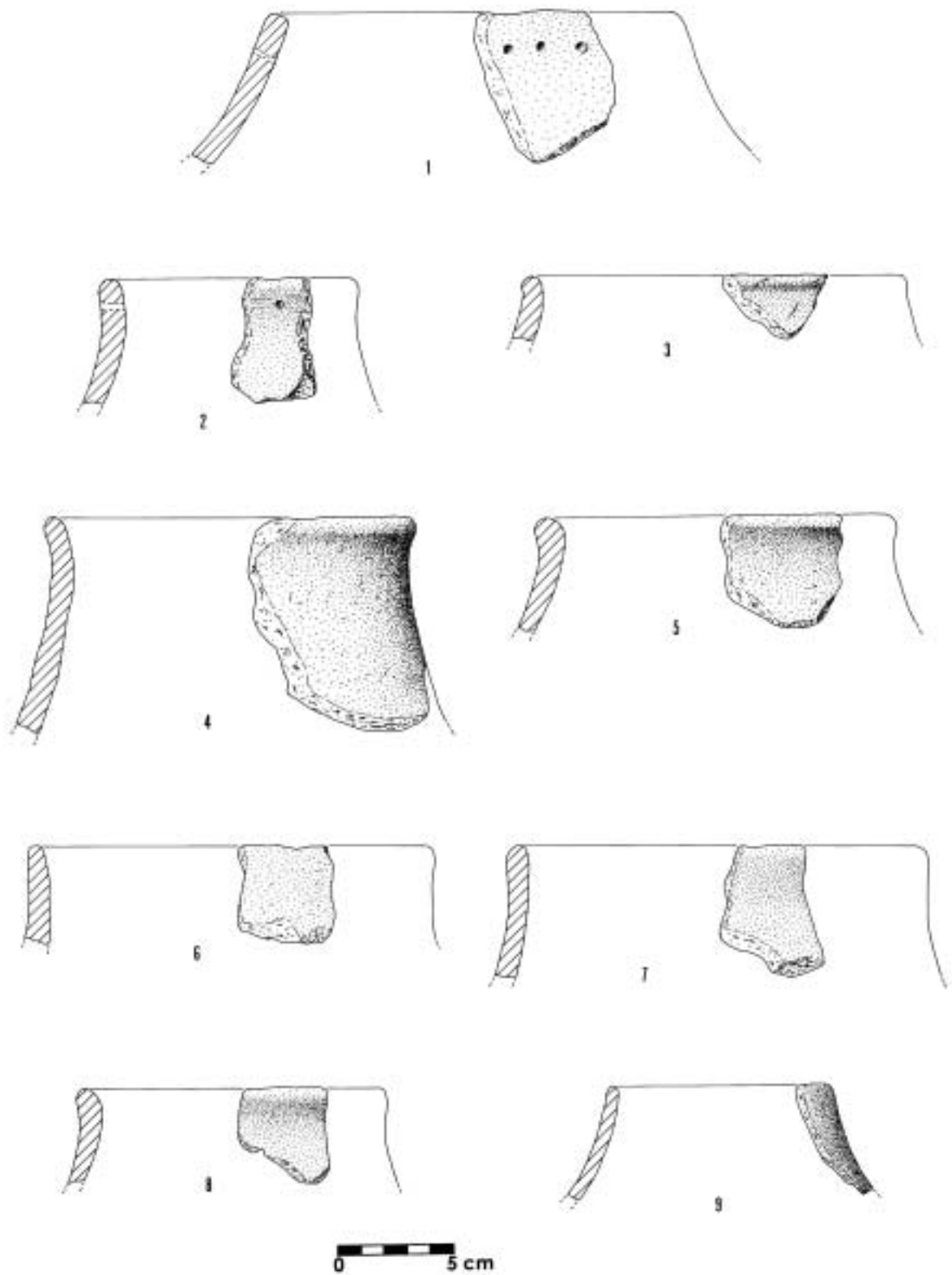


Fig. 41 Tapada da Ajuda. Potes de colo fechado.

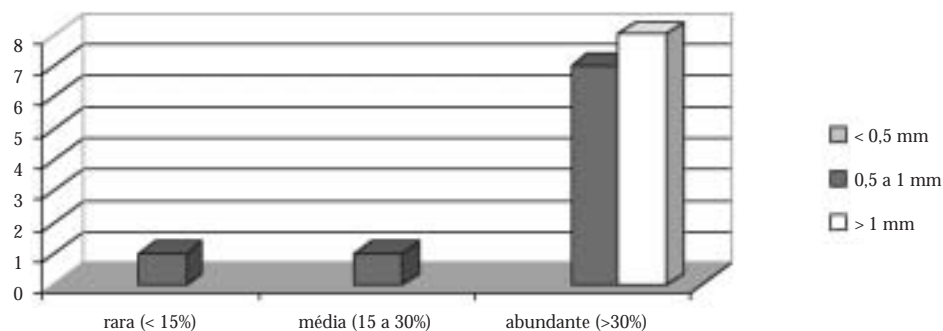


Fig. 42 Gráfico relativo à frequência e calibre dos elementos desengordurantes presentes nas pastas dos potes de colo direito ou de paredes subverticais.

Relativamente à análise da coloração das pastas, estas revelam uma clara predominância das cozeduras redutoras (castanho escuro acinzentado, castanho escuro e castanho) sobre as de tipo oxidante (estas constituem apenas 35% do total do conjunto deste tipo de recipientes) (Fig. 43).

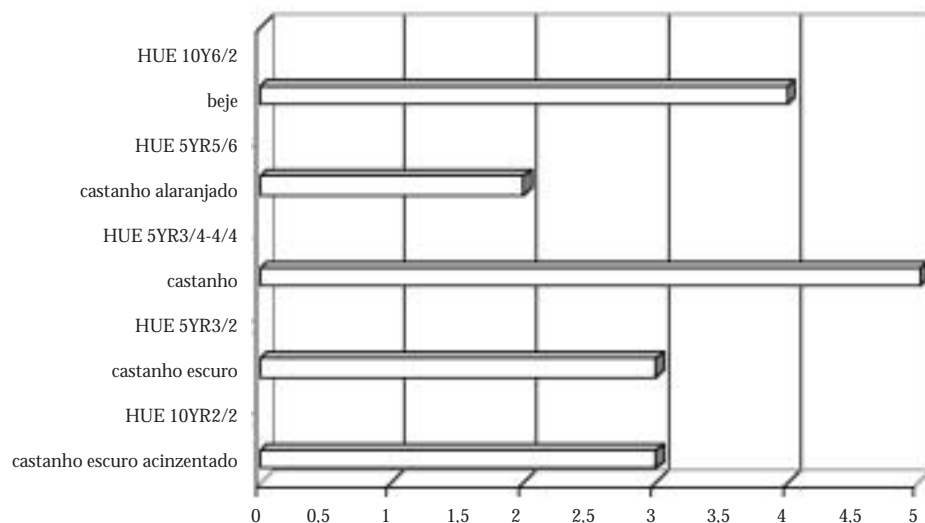


Fig. 43 Gráfico relativo à cor das pastas dos potes de colo subvertical.

Por fim, no respeitante à diversidade de formas de bordo que se verifica no seio deste sub-tipo, podem identificar-se três categorias distintas: potes de bordo aplanado com orientação extrovertida (Fig. 33, n.º 6 e Fig. 44, n.º 1); potes de bordo redondo com orientação extrovertida (Fig. 44, n.ºs 2 a 6); potes de bordo espessado (1 exemplar espessado internamente – Fig. 45, n.º 3 – e 2 exemplares espessados externamente – Fig. 45, n.ºs 1 e 2).

Quanto aos exemplares onde podem ser observados diversos tipos de elementos de preenchimento, estes serão tratados em secção dedicada à sua análise específica (Fig. 31, n.º 4; Fig. 45, n.º 4 a 6 e Fig. 46, n.ºs 1 a 4).

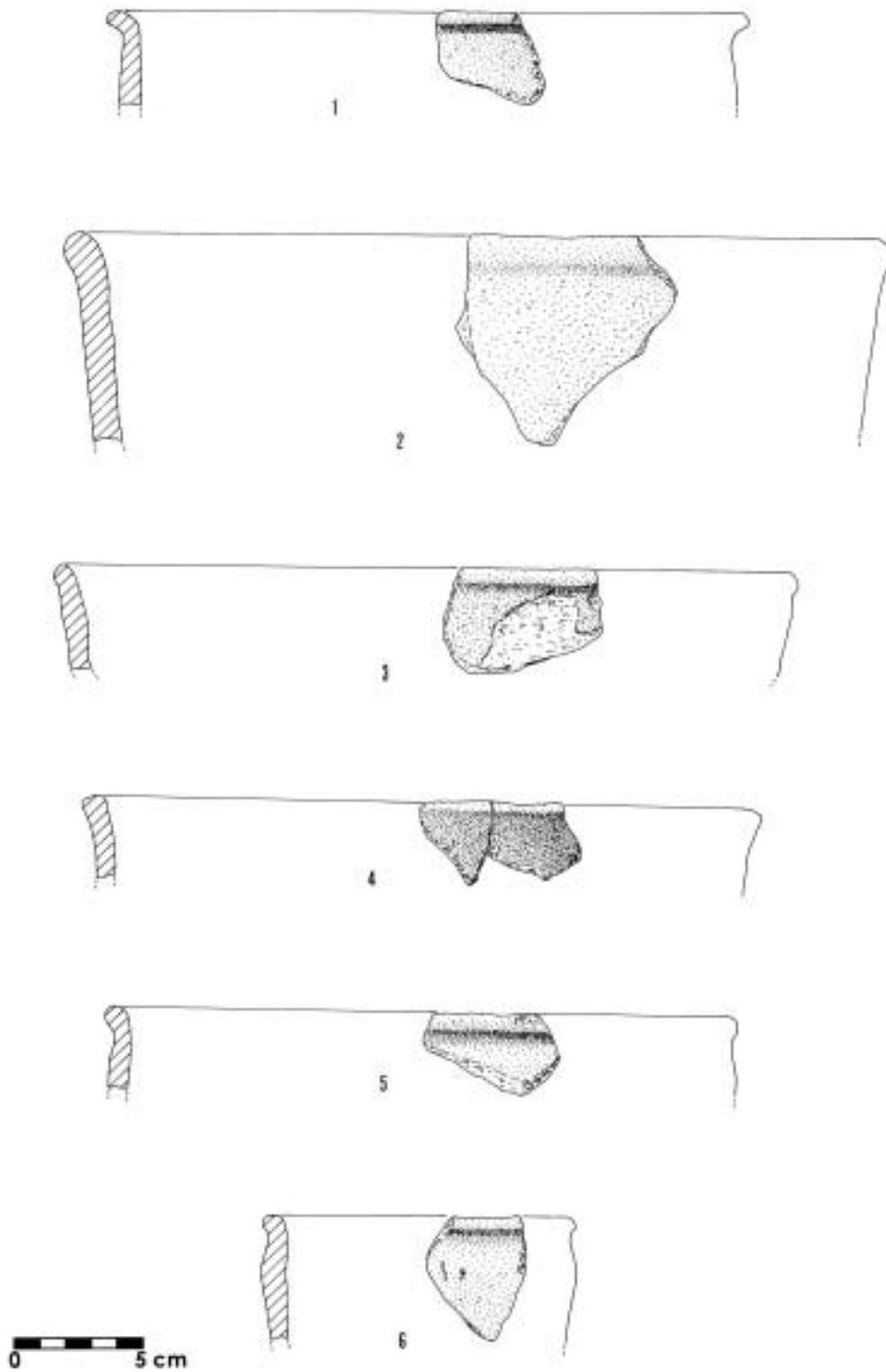


Fig. 44 Tapada da Ajuda. Potes de colo direito ou de paredes subverticais.

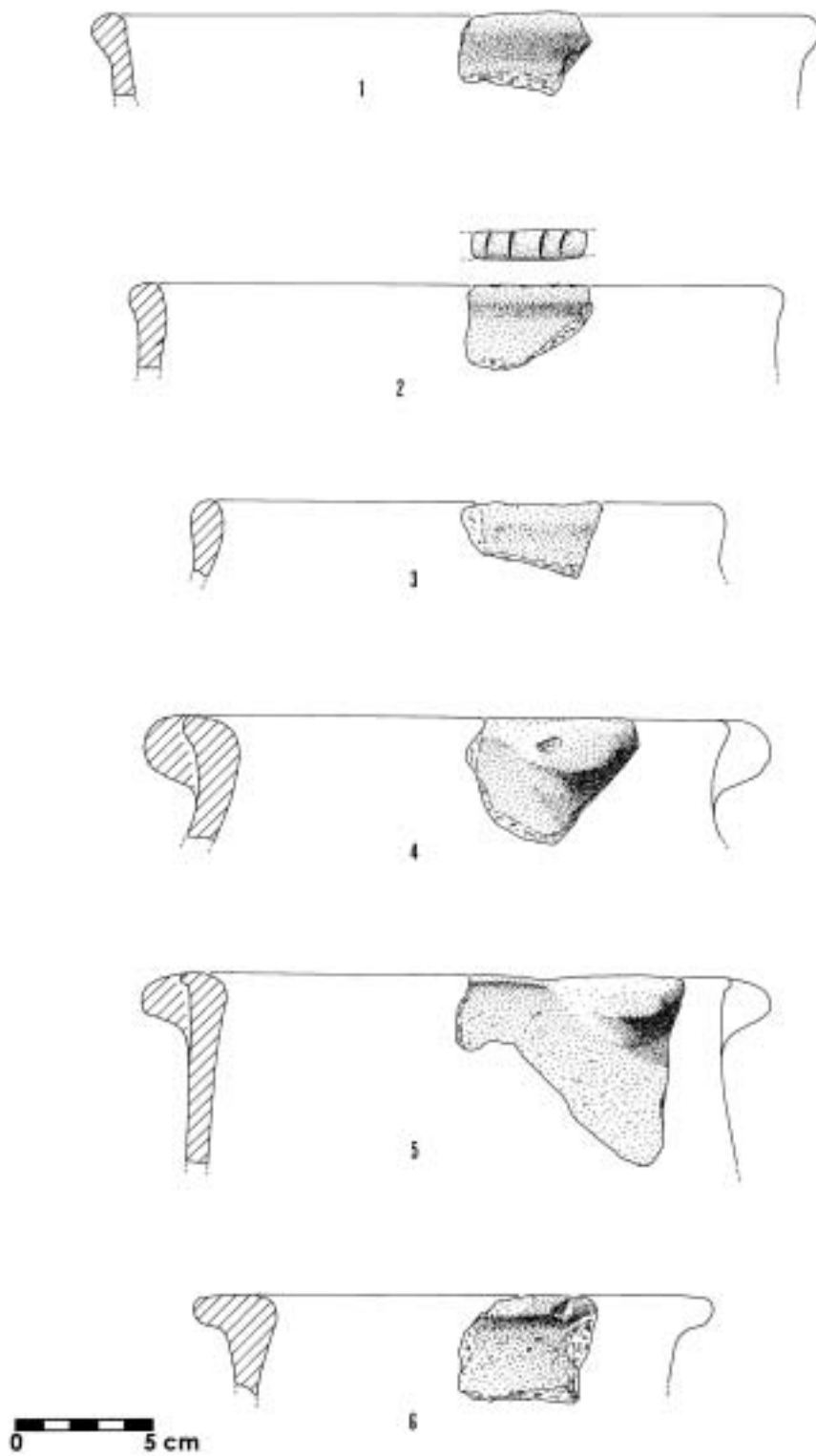


Fig. 45 Tapada da Ajuda. Potes de colo direito ou de paredes subverticais, com e sem elementos de prensão.

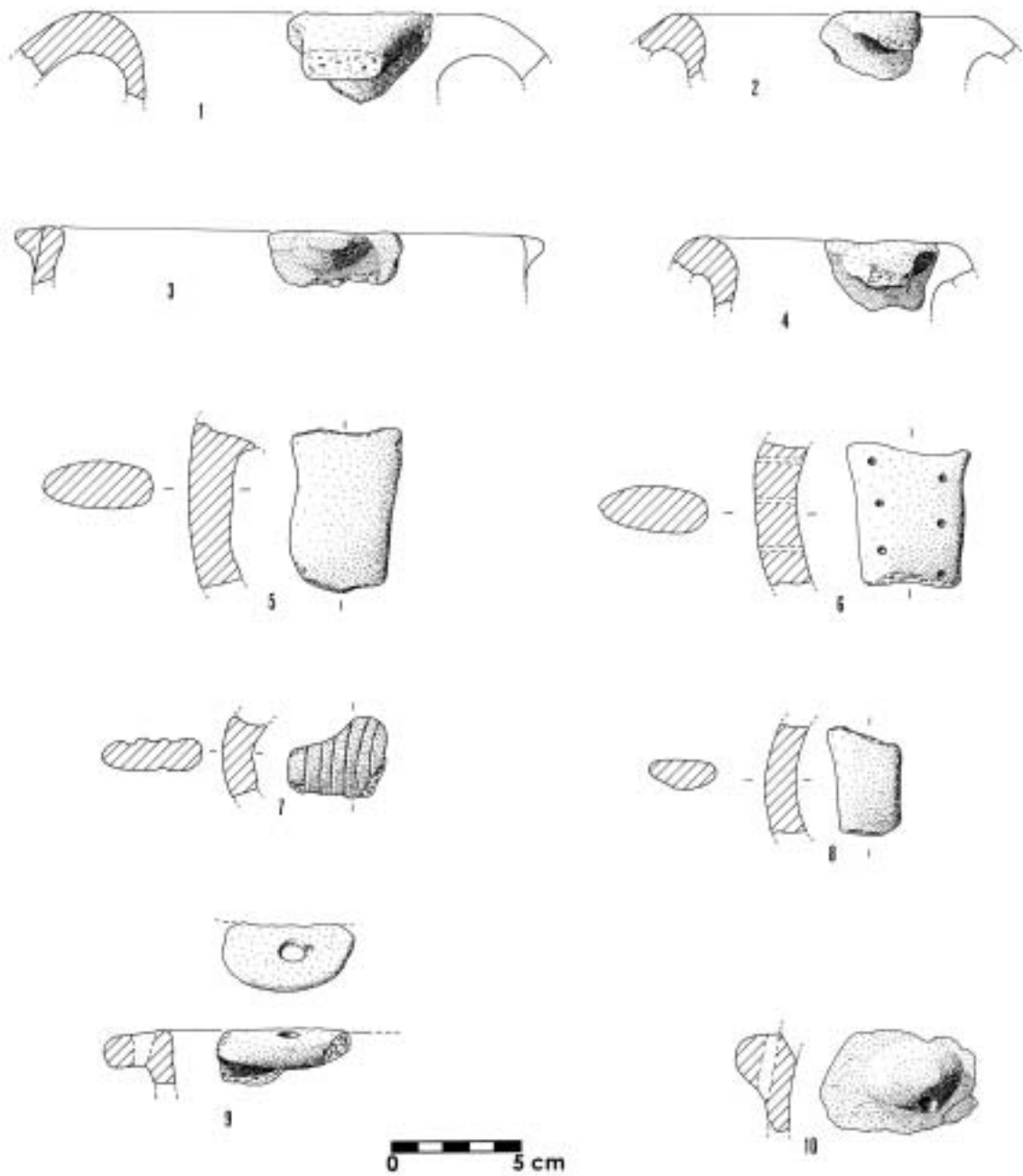


Fig. 46 Tapada da Ajuda. Elementos de prensão, decorados ou não.

Potes de corpo cilíndrico

Dentro do vasto grupo dos potes são os que têm uma expressão mais reduzida (4,5% do total do conjunto). Composto unicamente por três exemplares, este subtipo caracteriza-se por não possuírem colo, apresentando paredes paralelas e os bordos simples e direitos no que respeita à orientação (Fig. 33, n.ºs 3 a 5).

Da análise macroscópica, dada a reduzida quantidade de exemplares, pouco se pode concluir. O tipo de cozedura destes recipientes divide-se entre dois exemplares de tipo redutor e um de tipo oxidante, sendo as colorações das pastas castanha — HUE 5YR 3/4 — (2 fragmentos) e bege (HUE 10YR 6/2). A frequência dos elementos desengordurantes presentes é sempre alta; o calibre destes elementos, por seu lado é, em 75% dos exemplares maior, que 0,5 mm.

Cerâmicas industriais

Apenas um fragmento representa este grupo: trata-se de uma parede de recipiente perfurado, conotável com os bem conhecidos “cinchos” do Calcolítico (Fig. 7, n.º 6).

Elementos de suspensão e preensão

A análise do gráfico geral (Fig. 47) permitiu verificar que a maioria dos elementos, tanto de suspensão como de preensão, têm uma maior incidência sobre grupo dos potes.

Tendo como ponto de partida aqueles que têm uma maior representação em todo o conjunto, as perfurações, pode-se verificar que estas marcam presença em praticamente todas as formas cerâmicas, abertas e fechadas, tendo uma maior incidência ao nível dos potes e, no seio deste vasto grupo, com uma presença bastante acentuada em potes de colo fechado de bordo simples. Os fragmentos apresentam perfurações paralelas ao bordo e imediatamente abaixo deste; quanto ao número de perfurações, este varia entre uma e três consoante os fragmentos (aqueles que apresentam um maior número de perfurações pertencem a potes). No entanto, não se crê terem tais perfurações funções de suspensão: é mais provável que, a não serem simples elementos decorativos, se relacionassem com sistema de fecho destes recipientes (Fig. 40, n.ºs 1 a 5; Fig. 41, n.º 1). No grupo das taças carenadas também foi observado um exemplar perfurado na parede, imediatamente abaixo da carena (Fig. 17, n.º 3).

Ainda no âmbito da caracterização dos elementos de suspensão, são de salientar os mamilos perfurados cuja presença só foi registada no conjunto das taças carenadas: os mamilos que, geralmente, aparecem sobre a linha da carena, apresentam-se perfurados de forma simples (Fig. 12, n.º 3) ou dupla (Fig. 17, n.º 1 e Fig. 11, n.º 2).

Relativamente aos elementos de preensão (asas e pegas), estes só surgem no grupo dos potes, verificando-se a anteriormente mencionada predominância das pegas sobre as asas.

As pegas que foram observadas, tanto associadas a fragmentos com ou sem bordo (nestes casos surgem sobre este ou imediatamente abaixo), são de tipo mamilar e do tipo “orelheta” podendo apresentar perfurações verticais (Fig. 46, n.ºs 9 e 10; Fig. 7, n.ºs 1 a 3).

As asas caracterizam-se por serem de fita e por partirem directamente do bordo para o bojo (Fig. 46, n.ºs 1, 2 e 4). Dos exemplares estudados destacam-se dois que, apesar de não estarem rela-

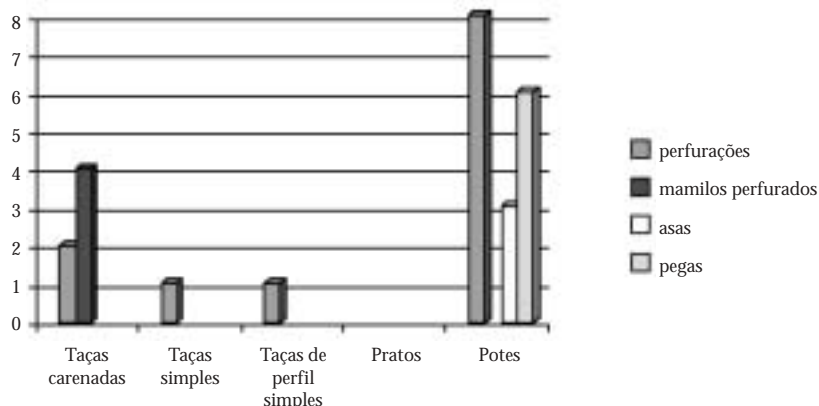


Fig. 47 Frequência dos elementos de suspensão/preensão.

cionados com nenhum fragmento de bordo ou bojo, merecem especial atenção devido ao tipo de decoração que apresentam: num destes exemplares, praticamente completo, podem ser observadas duas filas longitudinais paralelas desencontradas de pequenas perfurações que atravessam a asa de um lado a outro (Fig. 46, n.º 6); o outro exemplar, um fragmento muito pequeno, apresenta caneluras relativamente profundas também no sentido longitudinal (Fig. 46, n.º 7).

Elementos decorativos

No espólio cerâmico da Tapada da Ajuda a quantidade de fragmentos com decoração é muito baixa, relativamente ao resto do conjunto (Fig. 48). A maior parte dos elementos decorativos foram observados ao nível do bordo, a maioria em potes (Fig. 49, n.ºs 4 e 5; Fig. 31, n.º 1; Fig. 45, n.º 2) e em duas das taças de perfil suave (Fig. 21, n.º 7 e Fig. 27, n.º 3): unguiações e digitaçãoções são as gramáticas decorativas com presença mais marcante neste conjunto. Outro tipo de elementos decorativos foram observados ao nível da linha da carena: estes casos relacionam-se directamente com a presença de mamilos com função simbólica decorativa evidenciando-se muito da linha da carena (Fig. 11, n.º 7), ou mais esbatidos e alongados (Fig. 14, n.º 5); com uma menor expressão no conjunto, também existem decorações abaixo do bordo (pontos incisos em linha paralela : Fig. 36, n.º 6).

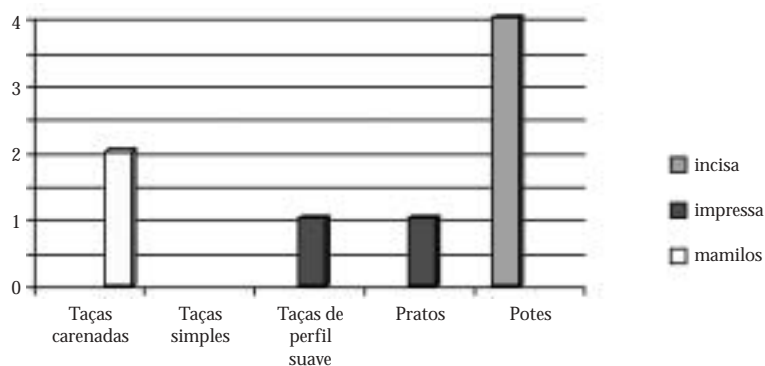


Fig. 48 Gráfico relativo à frequência dos elementos decorativos nas diferentes formas cerâmicas.

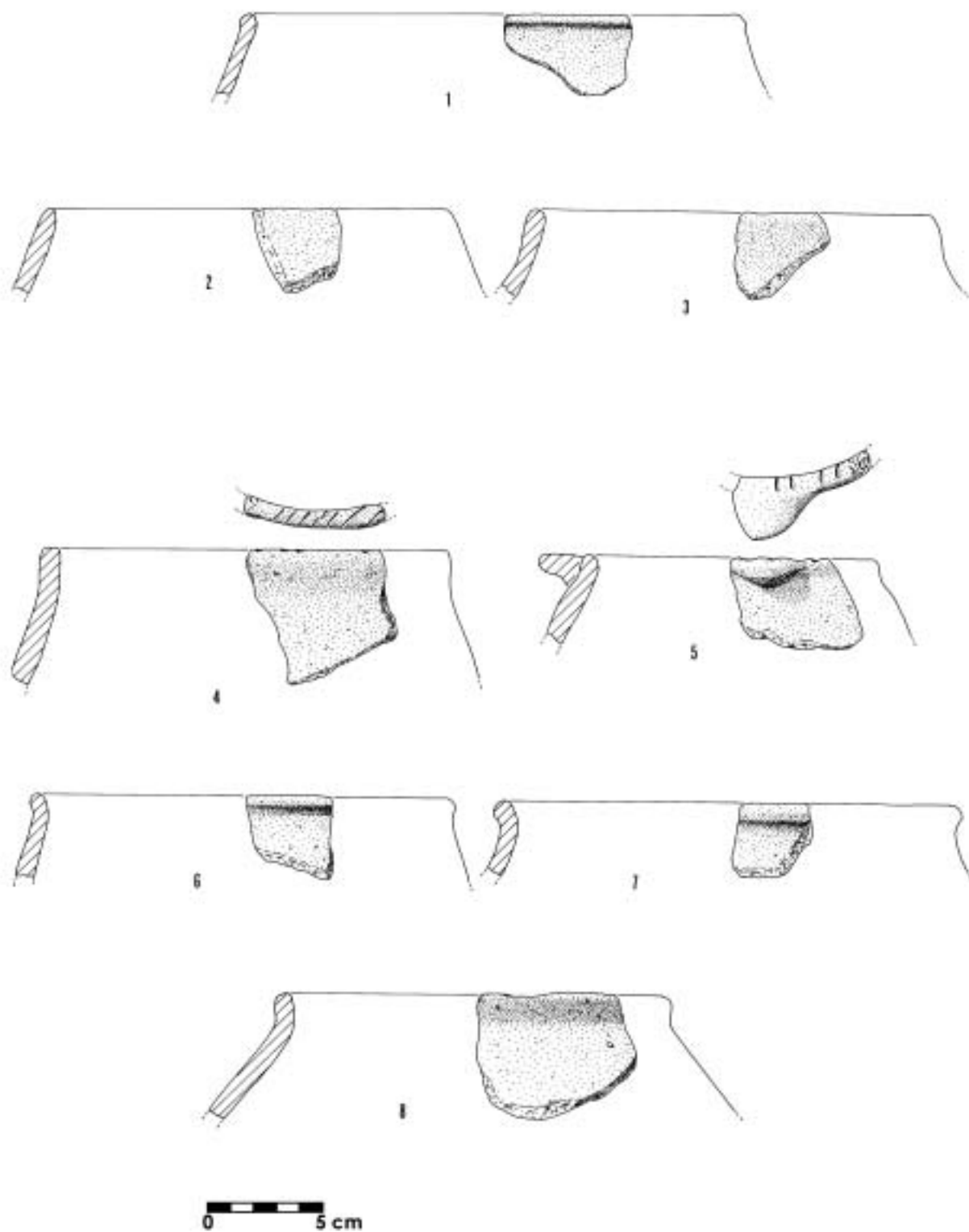


Fig. 49 Tapada da Ajuda. Potes de colo fechado.

Relativamente a elementos decorativos mais específicos, estes podem ser observados nos três únicos fragmentos de bojo que apresentam decoração (incisa): linhas paralelas — Fig. 7, n.º 7; conjuntos de linhas paralelas que se cruzam entre si (diagonal, perpendicular), gramática decorativa que encontra paralelos em exemplares do povoado do Bronze Final de Alegrios, Idanha-a-Nova (Vilaça, 1995) — Fig. 7, n.º 5; e duas linhas paralelas preenchidas por um efeito inciso, próximo das bandas dos vasos marítimos com decoração do tipo “herringbone” — Fig. 7, n.º 4 — são os temas que decoram estes fragmentos de bojo, pese embora a sua falta de representatividade, dada a pequenez dos fragmentos.

NOTAS

- ¹ Trabalho realizado em 1998 no Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras, sob orientação do primeiro signatário, que também é o autor das fotografias. Os desenhos de materiais são da primeira signatária e a respectiva tintagem de Bernardo L. Ferreira.
- ² Professor Associado com Agregação (Pré-História) Universidade Aberta e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras.
- ³ Licenciada em História, variante de Arqueologia Arqueóloga da empresa Era-Arqueologia, Lda.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L.; ROQUE, J.; PEIXOTO, F.; FREITAS, F. (1980-1981) - Descoberta de jazida da Idade do Bronze da Tapada da Ajuda. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 117-147.
- CARDOSO, J. L. (1985) - Jazida da Idade do Bronze da Tapada da Ajuda – 1983. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 5, p. 83-84.
- CARDOSO, J. L. (1987) - No estuário do Tejo, do Paleolítico à Idade do Ferro. In *Arqueologia no vale do Tejo*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, p. 69-81.
- CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. S.; MONJARDINO, J.; CARREIRA, J. R. (1986a) - A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa – Revista Municipal*. Lisboa. Série II. 15, p. 3-18.
- CARDOSO, J. L. (1986b) - A jazida da Idade do Bronze da Tapada da Ajuda – 1984. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 6, p. 54-55.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1993) - Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. In *Actas do I Congresso Mediterrânico de Etnologia Histórica* (Lisboa, 1991). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2, 193-206.
- CARDOSO, J. L. (1994a) - Comentário ao sítio arqueológico da Tapada da Ajuda. In ARRUDA, A. M., ed. - *Lisboa subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 192-193.
- CARDOSO, J. L. (1994b) - Do Paleolítico ao Romano. Investigação arqueológica na área de Lisboa; os últimos dez anos: 1984-1993. *Al-madan*. Almada. Série II. 3, p. 59-74.
- CARDOSO, J. L. (1995a) - O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda. In JORGE, S. O., ed. - *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 48.
- CARDOSO, J. L. (1995b) - Os povoados do Bronze Final a norte do estuário do Tejo. In JORGE, S. O., ed. - *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 126.
- CARDOSO, J. L. (1997-1998) - A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 89-153.
- CARDOSO, J. L. (1999-2000) - Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 355-413.
- MARQUES, G.; ANDRADE, G. M. (1974) - Aspectos da Proto-História do território português. I - definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). In *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973). Porto: Ministério da Educação Nacional, 1, p. 125-148.
- PICAZO MILLÁN, J. V. (1993) - *La Edad del Bronce en el Sur del Sistema Ibérico Turolense, I: Los materiales cerámicos*. Teruel: Colegio Universitario de Teruel (Monografía; 7).
- SENNA-MARTINEZ, J. C. de (1993) - O Grupo Baiões/Santa Luzia: Contribuições para uma tipologia da olaria. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 1, p. 93-123.
- VILAÇA, R. (1995) - *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze* (2 vols.). Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Trabalhos de Arqueologia; 9).

